



Interpretação Ambiental Não Pessoal



Guia para Elaboração de Produtos Interpretativos Não Pessoais em Áreas Protegidas

Centro para Gestão de Áreas Protegidas
Universidade Estadual do Colorado

Interpretação Ambiental Não Pessoal

GUIA PARA ELABORAÇÃO DE PRODUTOS
INTERPRETATIVOS NÃO PESSOAIS EM ÁREAS
PROTEGIDAS

Centro para Gestão de Áreas Protegidas
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO COLORADO

Copyright © 2019 por Centro para Gestão de Áreas Protegidas.

Este livro foi escrito para promover o desenvolvimento e implementação de produtos interpretativos. Todos os conceitos e ideias desenvolvidos para este projeto fazem parte do domínio público e podem ser usados livremente por qualquer pessoa desde que seja dado o devido crédito para os autores e à editora.

Sumário

Prefácio Brasileiro *v*

Prefácio por Bonnie Lippitt *vii*

Agradecimentos *ix*

Como usar este guia *x*

Capítulo 1: O que é interpretação? *1*

Capítulo 2: Produtos interpretativos não pessoais *15*

Capítulo 3: Planejamento interpretativo *21*

Capítulo 4: Desenvolvimento de produtos interpretativos *43*

Capítulo 5: Projetos Interpretativos *65*

Capítulo 6: Realidade e palavras de estímulo *107*

Apêndice I. Referências *111*

Apêndice II. Materiais de leitura e recursos sugeridos *113*

Prefácio Brasileiro

O sistema brasileiro de áreas protegidas impressiona por seus números – apenas entre as áreas protegidas federais, são mais de 80 milhões de hectares protegidos em 334 unidades de conservação. Parques nacionais, florestas nacionais, reservas extrativistas e reservas privadas (entre outras categorias) conservam a natureza do país mais biodiverso do planeta, além de manter vivas as tradições e culturas de povos e comunidades tradicionais. Envolver a sociedade brasileira nas políticas de conservação da natureza é fundamental para o cumprimento da missão do ICMBio, órgão responsável pela gestão das unidades de conservação federais brasileiras, que vem acumulando experiências positivas no uso das técnicas e princípios da interpretação ambiental como ferramentas de comunicação e conexão entre pessoas e seu patrimônio natural.

No âmbito do Programa “Parceria para a Conservação da Biodiversidade na Amazônia”, a agenda de interpretação ambiental acumula importantes investimentos em capacitações no Brasil e nos Estados Unidos, com a realização de atividades de intercâmbio e diversos projetos executados. Como frutos desta parceria, o ICMBio desenvolveu equipe própria de instrutores no tema, publicou no último ano o livro “Interpretação ambiental nas unidades de conservação federais” e segue capacitando técnicos da casa e parceiros, como comunitários e condutores de visitantes, gerando grande valor na qualidade dos serviços prestados aos visitantes e na relação entre as comunidades e as áreas protegidas.

E é a partir desta experiência acumulada que os autores apresentam este guia, em linguagem acessível e baseado em experiências práticas, que apresenta orientações para o desenvolvimento de produtos interpretativos e ajuda a consolidar a interpretação como instrumento central e indispensável na gestão das áreas protegidas e áreas afins. A interpretação ambiental é um tema fascinante e esperamos que

os leitores deste guia se sintam igualmente interessados e dispostos a aprimorar cada vez mais seus conhecimentos sobre o assunto e, logicamente, praticá-lo. Uma boa leitura!

Paulo Eduardo Pereira Faria

Analista Ambiental

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

Serena Turbay dos Reis

Analista Ambiental

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

Prefácio por Bonnie Lippitt

Desde 2014, o Programa “Parceria para a Conservação da Biodiversidade na Amazônia”, conduzido pelo Serviço Florestal dos Estados Unidos (USFS na sigla em inglês), o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e universidades parceiras, com apoio da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID na sigla em inglês), vem protagonizando diversas ações. Juntos conduzimos várias oficinas voltadas para o desenvolvimento de produtos interpretativos, lideramos visitas técnicas aos EUA e apoiamos treinamentos em interpretação e certificações junto à Associação Nacional de Interpretação dos Estados Unidos (*National Association for Interpretation - NAI*). Nesse contexto, o ICMBio formou uma equipe de instrutores de interpretação e designou áreas demonstrativas onde técnicas e habilidades interpretativas foram aplicadas e adaptadas ao contexto brasileiro.

A elaboração de guias como este ajudam a documentar, consolidar e disseminar importantes conceitos interpretativos, lições aprendidas e exemplos brasileiros de boas práticas. Você precisa encarar o desafio e desenvolver programas e produtos que compartilhem a importância de sua área protegida com visitantes do Brasil e do mundo.

Pode dar medo no início, mas mesmo assim - faça! Peça ajuda. Aprenda. Conte com os colegas. Com a prática você vai se aperfeiçoando. Com o tempo, você ganha mais confiança e vai descobrir o que muitos intérpretes antes de você já descobriram.....que além de ser um trabalho importante, elaborar produtos interpretativos nos permite acessar a nossa criatividade e é uma maneira gratificante e divertida de envolvimento com nossos parceiros.

Bonnie Lippitt

Especialista Regional de Turismo e Interpretação
Serviço Florestal dos Estados Unidos - Região Pacífico-Noroeste

Agradecimentos

Os autores gostariam de expressar seus mais sinceros agradecimentos aos muitos parceiros e colaboradores, em especial à Parceria para a Conservação da Biodiversidade na Amazônia, apoiada pelos Programas Internacionais do Serviço Florestal dos Estados Unidos e pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional. Agradecemos especialmente à Michelle Zweede, Suelene Couto e Bonnie Lippitt por seus direcionamentos e apoio. Nossos sinceros agradecimentos também a Paulo Faria, Serena Reis e Beatriz Gomes pelo apoio na revisão deste livro, assim como à expansão da interpretação no Brasil. Também gostaríamos de agradecer a Cristina Batista, José Risonei da Silva, Paula Pinheiro e Priscila Santos por sua liderança nos sítios demonstrativos mencionados neste livro.

Este guia é inspirado nos projetos interpretativos desenvolvidos em parceria com o ICMBio para capacitação de servidores na teoria e nas técnicas interpretativas. Os produtos interpretativos destacados aqui foram elaborados com a participação de servidores do ICMBio, condutores de visitantes e outros parceiros locais envolvidos com a visita nas unidades de conservação que funcionam como áreas demonstrativas.

Agradecimentos sinceros também aos talentosos artistas Helton Campos, Salustriano Costa, Eduardo Basso, Carolina Fernandes e outros. Essas mentes criativas merecem um reconhecimento especial, pois suas contribuições foram ingredientes fundamentais da maioria dos produtos interpretativos não pessoais mencionados neste guia.

O Centro para Gestão de Áreas Protegidas da Universidade Estadual do Colorado forneceu o treinamento técnico e a gestão dos projetos ao longo do processo, além de auxiliar na conexão e reunião dos atores que possibilitaram escrever este guia.

Sem a comunicação e a educação, o potencial de conservação jamais será amplamente alcançado. Esperamos que este guia sirva para direcionar e inspirar você a planejar e criar produtos interpretativos que contribuam para o apoio da população em prol da conservação da biodiversidade.

Como usar este guia

Bem-vindo ao seu guia para desenvolver produtos interpretativos não pessoais em áreas protegidas! Este guia traz consigo anos de experiência em planejamento e implementação de interpretação não pessoal em áreas protegidas de muitos países Latino-Americanos, inclusive no Brasil. A interpretação não pessoal é o uso de suportes de comunicação, tais como placas, áudio, vídeo ou exposições para transmitir a sua mensagem. A nossa intenção é que este guia auxilie você e os gestores de áreas protegidas na missão de proteger e educar as pessoas acerca das maravilhas naturais e culturais que gerenciam.

O que este guia pode fazer por você?

Este guia traz um misto de:

- teorias/conceitos essenciais da interpretação;
- etapas de um processo de planejamento;
- projetos interpretativos que destacam o planejamento e a produção em interpretação;
- lições aprendidas, dicas e boas práticas; e
- incentivo e inspiração para que você consiga criar uma interpretação eficaz no seu local de trabalho e com os recursos materiais e humanos disponíveis.

O que este guia não pode fazer por você

Este não é um livro de receitas com instruções detalhando o campo da interpretação ou o processo interpretativo. É mais como um

guia de viagens. Um bom guia de viagens dá ao leitor orientações e informações. Com ele, o viajante precisa somente de espírito de aventura e desejo de explorar a natureza, a história e/ou a cultura para criar lembranças duradouras, experimentar o mundo a sua volta e absorver suas lições e benefícios. Este é um guia para funcionários de áreas protegidas e parceiros que estejam interessados em adentrar o mundo do desenvolvimento de produtos interpretativos não pessoais. Para isso, é preciso paixão em conectar pessoas aos lugares espetaculares aos quais você se dedica a proteger.

O planejamento, a concepção e produção de produtos interpretativos ficam melhores quando se “aprende fazendo”. Não existem dois produtos interpretativos iguais, assim como não há duas áreas protegidas iguais. Cada área tem sua própria história natural e cultural, seus desafios de gestão e suas parcerias. Também não existe um plano ou produto interpretativo perfeito. Cada plano pode ser visto como um documento vivo, feito para ser atualizado e aprimorado. Cada novo produto será sua melhor fonte de aprendizagem e aperfeiçoamento. Os autores deste guia oferecem recomendações e exemplos brasileiros para ilustrar o processo de produção em interpretação. É nossa esperança que este guia sirva de ferramenta para a implementação de produtos interpretativos em áreas protegidas do Brasil e de outros países e se expanda, afim de valorizar e dar destaque aos recursos extraordinários que esses países possuem, objetivando compartilhá-los com seus cidadãos e com pessoas de diversas partes do mundo.

O que é Interpretação?

Introdução

Quando as pessoas visitam uma área protegida, como um parque nacional ou um sítio cultural, elas chegam com grandes expectativas de ter uma experiência de qualidade que seja ao mesmo tempo divertida e informativa. Elas chegam abertas e ansiosas por experimentar e adquirir novos conhecimentos. Os funcionários da área protegida, os condutores de visitantes, as sinalizações e outras fontes de informação que os visitantes encontram contribuem para a experiência da visita e a percepção sobre o cuidado com que a área é gerida.

Por que fornecer interpretação?

- Para sensibilizar o visitante sobre a importância dos recursos naturais/culturais e incentivar valores de proteção ou de conservação.
- Para qualificar as oportunidades de recreação fornecendo informações relevantes.
- Para estabelecer a autoridade do recurso e influenciar os comportamentos dos visitantes de modo a ajudar no alcance dos objetivos de criação da área.
- Para aumentar o prazer e a satisfação com a visita.

- Para incentivar o visitante a fazer mais e aprender mais sobre a área protegida.
- Para desenvolver uma noção de coesão (uniformes, identidade gráfica) estabelecendo confiança na instituição responsável pela área.

Interpretação e áreas protegidas

As áreas protegidas legalmente designadas cobrem mais de 15% da área terrestre do planeta e 8% dos oceanos, e constituem uma ferramenta de conservação essencial para proteger a natureza e a biodiversidade. Em todo o mundo, existem mais de 300.000 áreas protegidas designadas que se enquadram em uma gama de categorias definidas pela Comissão Mundial para Áreas Protegidas (WCPA, sigla em inglês) da União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN). Essas áreas são essenciais para a saúde do planeta e seus habitantes humanos e não humanos. Os seres humanos dependem dos ecossistemas saudáveis que essas áreas protegem e se beneficiam dos serviços ambientais associados que elas fornecem. Serviços ambientais como ar limpo, água, recreação e turismo são as principais razões para a sociedade priorizar a proteção e a promoção desses locais. As áreas protegidas servem como lar para uma diversidade de espécies vivas e possuem ecossistemas singulares, sítios histórico-culturais e características geológicas excepcionais que merecem proteção no longo prazo. Promover o uso eficaz e um bom manejo de áreas protegidas garantirá que as gerações futuras continuem desfrutando dos benefícios que elas proporcionam.

Para serem sustentáveis, as áreas protegidas necessitam de gestores e funcionários competentes e bem treinados, bem como parcerias sólidas com o apoio de organizações, comunidades locais e o público em geral. Atualmente, as áreas protegidas não estão atingindo todo o seu potencial para contribuir para o bem-estar humano e a proteção da

biodiversidade em nível global. Isso se deve a muitos fatores, incluindo a insuficiência de recursos financeiros, falta de capacitação e escassez de pessoal, além de uma lista cada vez maior de ameaças, antigas e novas, como mudanças climáticas, extração ilegal de recursos, perda de habitat, caça ilegal e um público cada vez mais desconectado da natureza.

Os intérpretes são frequentemente chamados de ‘voz’ dos recursos (naturais e culturais). Seu trabalho é ajudar os visitantes a se conectarem com os significados dos recursos, de modo que se preocupem e ajudem a cuidar deles. Cada área protegida deve designar funcionários cujo trabalho seja comunicar e compartilhar os significados e valores dos recursos naturais e culturais da área e os desafios que eles enfrentam. Em outras palavras, cada área protegida deve designar um funcionário que seja responsável pela interpretação desses recursos.

Conceitos da interpretação

A seguir, os autores apresentam uma revisão dos conceitos de interpretação criados para fornecer estrutura e contexto no seu trabalho de planejamento e produção interpretativa. Este capítulo não se esgota em si, mas traz algumas definições de interpretação, todavia existem diversos outros livros, vídeos e possibilidades de treinamento em interpretação disponíveis. O Apêndice II contém sugestões de textos e recursos interpretativos para ajudá-lo a mergulhar mais profundamente na interpretação.

Definindo a interpretação

É irônico que um campo dedicado à comunicação clara e objetiva tenha como nome uma palavra que evoca muitos significados diferentes. A interpretação é a tradução de uma língua para outra? A interpretação é uma forma de revelar significados mais profundos? A interpretação é a visão individual do condutor ou intérprete sobre um assunto? A interpretação é a percepção do visitante sobre o recurso?

A resposta para todas essas perguntas é sim. A interpretação é um processo complexo de comunicação que leva em consideração uma compreensão profunda dos significados dos recursos, das motivações do público e de técnicas de comunicação.

Interpretação não pessoal versus pessoal

Como o foco deste guia é a interpretação não pessoal, é importante definir seu conceito. A **interpretação não pessoal** permite que uma mensagem seja comunicada sem a necessidade de alguém presente para transmiti-la ao visitante. Em outras palavras, a interpretação não pessoal refere-se ao uso de qualquer suporte de comunicação (impressão, áudio, vídeo, digital etc.) que ajude a transmitir os significados de uma área protegida. Por outro lado, a **interpretação pessoal** é uma interpretação presencial. Um exemplo é uma caminhada guiada ou uma demonstração ou apresentação feita por um funcionário ou voluntário.

NAI na interpretação

A Associação Nacional de Interpretação (NAI, na sigla em inglês) dos EUA, a maior organização de intérpretes do mundo, define a interpretação como “um processo de comunicação baseado em uma missão que promove conexões emocionais e intelectuais entre os interesses do público e os significados inerentes ao recurso”. Essa definição fica mais clara ao integrar seus cinco componentes fundamentais:

1. A missão é a base

A interpretação é intencional. Você, o comunicador, deve começar com uma clara intenção do que deseja comunicar e a quem. Isso exige um vínculo com a missão geral da instituição e, ao mesmo tempo, um vínculo com a missão específica da área protegida e com as necessidades e oportunidades existentes. Quando se trata

de comunicação, não basta comunicar; é preciso comunicar com um propósito específico em mente.

2. Processo de comunicação

Um processo de comunicação engloba o trabalho cuidadoso e detalhado para a produção de produtos interpretativos de qualidade. Uma boa interpretação não pessoal é intencional. Ela deve ser metodicamente planejada e submetida à avaliação de outras pessoas para assegurar sua clareza, precisão e atratividade antes de ser apresentada ao público.

A interpretação é baseada na missão

Um produto interpretativo pode abordar a missão geral do órgão gestor ou da área protegida, um problema de manejo ou um recurso específico. Ex.: Alguns visitantes da Floresta Nacional do Tapajós, uma Unidade de Conservação brasileira gerida pelo ICMBio, não entendiam como a floresta poderia ser simultaneamente protegida e manejada para extrativismo. Definiu-se que a implementação de uma sinalização interpretativa abordando como a pesquisa e o manejo florestal são realizados ajudaria a esclarecer essa confusão.

Missão do produto - sinalização interpretativa:

- mostrar ao público que aquela floresta é uma fonte de pesquisa sobre florestas tropicais e mudanças climáticas
- mostrar que aquela floresta está sendo cuidadosamente manejada
- mostrar que a extração de produtos florestais ocorre, mas de acordo com um programa cuidadosamente planejado e monitorado

Pesquisa

A pesquisa traz avanços à sociedade e à conservação da natureza

A pesquisa é um componente central da missão do ICMBio*. A Floresta Nacional do Tapajós colabora com instituições nacionais e internacionais na realização de pesquisas relacionadas a conservação dos ecossistemas, ao impacto do turismo regional, e ao papel da Amazônia nas mudanças climáticas em curso.

A pesquisa auxilia os gestores na tomada de decisão da instituição e nos ajuda a compreender os benefícios cruciais que as florestas fornecem para nossas comunidades, nossas economias e nosso planeta.



* ICMBio - Centro Brasileiro de Conservação da Biodiversidade

Research

Research advances nature conservation and society

Research is a central component of the ICMBio* mission. Brazilian and international research institutions partner with the Tapajós National Forest to conduct investigations ranging from ecosystem conservation, to the impacts of tourism, to the Amazon's role in regulating climate change.

Research assists forest managers with decision making and helps us understand the crucial benefits that rainforests provide to our communities, our economies and our planet.



* ICMBio - Brazil's National Center for Biodiversity Conservation



Imagem: Salustriano Costa.

Manejo Florestal

Parcerias fortalecem o manejo sustentável da floresta

A parceria entre ICMBio* e organizações comunitárias** tem sido um modelo de sucesso no manejo dos recursos naturais em floresta tropical. Na Floresta Nacional do Tapajós, a colheita anual de madeira é feita através do corte seletivo de árvores, respeitando os limites de tamanho e quantidade previstos por lei. Após o corte, estas áreas ficam sem intervenção humana por 35 anos para que a floresta volte a se regenerar. Os galhos não aproveitados na indústria madeireira são transformados em produtos artesanais. Este sistema permite o acesso à madeira e ao mesmo tempo mantém o equilíbrio ecológico da floresta.




* ICMBio - Centro Brasileiro de Conservação da Biodiversidade
 ** Organizações Comunitárias
 OSCAR (ONG - Organização da Comunidade de Ocaucara - uma associação sem fins lucrativos formada por comunidades de agricultores e artesãos locais em Ocaucara)
 Associação das Empreendedoras e Empreendedores da Floresta Nacional do Tapajós - um grupo de produtores artesanais e líderes comunitários

Forest Management

Partnerships enhance sustainable forest management

The ICMBio* partnership with community organizations is a model of successful co-management of natural resources in a tropical forest. In the Tapajós National Forest, timber is harvested using selective logging, which respects tree size and quantity limits established by law. Harvested areas are set aside for 35 years so that the forest can regenerate. Branches not suitable for timber are transformed into artisan products. This system allows for access to wood while maintaining the ecological integrity of the forest.



* ICMBio - Brazil's National Center for Biodiversity Conservation
 ** Community Organizations
 OSCAR (ONG - Community Organization of the Ocaucara Forest) - a non-profit community organization dedicated to sustainable forestry
 Association of the Artisanal Community Entrepreneurs of the Tapajós National Forest - a local industry group

Imagem: Salustriano Costa.

3. Conexões emocionais e intelectuais

A essência da interpretação é facilitar a formação de conexões entre o público e o recurso. Em seu livro *Interpreting Our Heritage* (Interpretando o Nosso Patrimônio), Freeman Tilden cita um manual de treinamento do Serviço de Parques Americanos que diz: “Por meio da interpretação, compreensão; por meio da compreensão, apreciação; por meio da apreciação, proteção” (2007, p.38). Você sabe porque sua área protegida é especial. Seu trabalho é ajudar os visitantes e os comunitários entenderem da mesma forma. Mas primeiro eles precisam sentir-se conectados com a área.

4. Interesses do público

Os públicos que você está tentando alcançar com mensagens interpretativas chegam com suas percepções pré-formadas sobre o mundo, adquiridas por suas próprias experiências de vida. Essas percepções e experiências afetam a maneira como as pessoas respondem às suas mensagens. Ao entender o máximo possível sobre os interesses do seu público, você estará melhor preparado para criar produtos interpretativos mais adequados para atender a esses interesses.

5. Significados inerentes ao recurso

Cada um dos recursos que você está interpretando tem um nome e fatos ligados a ele. O trabalho do intérprete é ir além da simples apresentação de informações e identificação dos elementos encontrados dentro da área protegida. Seu papel é conhecer e entender os recursos de tal maneira que seja possível mostrar aos visitantes como as peças se encaixam no contexto abordado. Construir esse entendimento profundo ajudará a revelar os significados inerentes aos recursos.

Além da definição apresentada pela NAI, existem outras definições que permitem uma compreensão mais sutil do que é a interpretação, tais como:

Dr. Sam Ham

O Professor de Interpretação e escritor Dr. Sam Ham afirma que “a interpretação é uma estratégia de comunicação... que objetiva traduzir a linguagem técnica das ciências naturais (ou campos relacionados) em termos e ideias que as pessoas que não são cientistas possam entender facilmente” (1992, p.3). Dr. Sam Ham é um nome internacionalmente reconhecido na interpretação devido a suas pesquisas, ensino e divulgação o tema. Seus livros mais conhecidos são: *Environmental Interpretation: A Practical Guide for People with Big Ideas and Small Budgets* (Interpretação Ambiental: Um guia prático para pessoas com grandes ideias e pequenos orçamentos) e *Interpretation: Making a Difference on Purpose* (Interpretação: Fazendo a diferença propositalmente). Ham aponta que a **provocação** é uma das técnicas mais potentes que um intérprete pode usar para incentivar uma reflexão intencional. Por meio desta reflexão intencional, os visitantes processam e retêm as experiências, criando uma conexão pessoal com o recurso.

Freeman Tilden

Considerado por muitos o ‘pai da interpretação’, Freeman Tilden descreve em seu livro *Interpreting our Heritage* (Intrepretando nosso patrimônio) que a interpretação é “uma atividade educacional que visa revelar significados e relações por meio do uso de objetos originais, por experiência direta e por mídias ilustrativas, ao invés da mera comunicação de informações factuais” (2007, p.9).

A técnica da autoridade do recurso do Dr. George Wallace

O Dr. George N. Wallace, fundador do Centro para Gestão de Áreas Protegidas, da Universidade Estadual do Colorado, desenvolveu a

técnica da autoridade do recurso (ART, na sigla em inglês). O trecho seguinte foi retirado de um artigo de Wallace (2003) explicando a lógica por trás da técnica:

Pode-se dizer que a natureza tem sua própria autoridade. Ela tem suas próprias regras, opera de maneiras específicas e segue certas leis; há consequências quando violamos essa ordem. As áreas protegidas estão entre os poucos lugares na Terra que permitem que a natureza, na maior parte, opere seguindo seus próprios termos. Nessas áreas, é mais provável que comportamentos desejáveis ocorram se as pessoas entenderem como suas ações afetam o modo como a natureza opera. Grande parte do comportamento indesejável com o qual os gestores lidam dentro das áreas protegidas é um comportamento que perturba a ordem natural ou afeta o direito de outros de experimentar a natureza da maneira correta.

Muitas vezes, ao lidar com visitantes que estão causando algum tipo de impacto ao solo, à vegetação, à qualidade da água, à vida selvagem ou à experiência dos outros, tendemos a nos concentrar na autoridade do órgão gestor. Com isso, queremos dizer que o visitante acaba pensando em leis, regulamentos, distintivos somente na presença de um guarda (ou da autoridade do parque) em vez de se concentrar na autoridade natural inerente às exigências de um ecossistema saudável.

A técnica da autoridade do recurso visa compensar essa tendência. Transfere a autoridade (ou o que se pede a alguém que pense ou o que se exige em termos de comportamento) do gestor ou órgão para os elementos na natureza (recursos) que têm suas próprias necessidades. A técnica da autoridade do recurso vai um passo além e pede ao gestor que diminua a ênfase na regulamentação e transfira parte da expectativa para o visitante, que deve interpretar as necessidades da natureza.

Levar em consideração a autoridade do recurso é especialmente importante ao comunicar o que você gostaria que os visitantes fizessem ou não. Foi inicialmente desenvolvida como uma técnica de interpretação pessoal, mas pode ser incorporada aos suportes de comunicação não pessoais.

A equação interpretativa do Serviço de Parques Americanos:

A equação interpretativa não é matemática. É uma analogia visual para entender o processo de desenvolvimento interpretativo (Larsen, D. EU., 2011), ou podemos definir como uma ferramenta para entender o processo de desenvolvimento de um produto interpretativo.

Equação Interpretativa: (Cp + Cr) TA = OI

Cp = Conhecimento do público

Cr = Conhecimento do recurso

TA = Técnica apropriada

OI = Oportunidade interpretativa

Cp = conhecimento do público

Você identificou seus públicos primário, secundário e terciário durante o processo de planejamento interpretativo. Cada projeto deve ser destinado a públicos especificamente identificados.

Talvez seja necessário realizar pesquisas adicionais para determinar quais tópicos específicos são de maior interesse para seu público-alvo.

Cr = conhecimento do recurso

Você, os demais funcionários da área protegida e seus parceiros locais conhecem sua área melhor do que ninguém. No entanto, pesquisas adicionais são frequentemente necessárias para completar sua compreensão de um tópico específico. Entenda a história por trás de seus recursos e observe como todos os elementos estão interconectados.

TA = técnica apropriada

Os suportes de comunicação devem ser escolhidas com base nos interesses e preferências do seu público. O produto escolhido deve ser capaz de alcançar esse público de maneira previsível em um sítio específico. Considere para quem você está interpretando e onde você terá uma boa oportunidade de apresentar suas mensagens interpretativas. Crie produtos que se ajustem ao seu orçamento e capacidade de mantê-los.

OI = oportunidade interpretativa

Agora que você entende o que cada componente significa, dê uma olhada na equação novamente: $(Cp + Cr) TA = OI$

Resumindo: se você entender os interesses de seu público (Cp), os significados mais amplos dos recursos (Cr) e como aplicar as técnicas apropriadas (TA) para a situação, você aumentará a probabilidade de que um público não cativo dê a devida atenção ao seu produto interpretativo (OI).

O público da interpretação é um público não cativo

Por que a Equação Interpretativa resulta em uma oportunidade interpretativa ao invés de simplesmente dizer que resulta em (ou é igual a) interpretação? A resposta a essa pergunta é essencial para o modo como você desenvolverá seu produto.

Os públicos da interpretação são considerados **públicos não cativos** (Ham, 1992), ou seja, eles estão visitando a área protegida em seu tempo livre. Eles são intrinsecamente motivados a aprender coisas novas, comunicar-se com os funcionários do parque, divertir-se, explorar, passar tempo com a família e os amigos, ou simplesmente relaxar. Ao contrário de um público cativo (ex.: estudantes tentando obter um diploma), públicos não cativos **não** precisam prestar atenção à sua interpretação se não estiverem interessados nela. Eles

podem ignorar completamente um produto se o acharem entediante, irrelevante ou difícil de seguir ou entender.

Essa percepção fundamental é o que todo bom intérprete precisa ter em mente ao criar produtos interpretativos que realmente alcancem seus públicos. Para isso, a Regra 3-30-3 pode ajudar a orientar o seu processo de planejamento.

Regra 3-30-3

A regra 3-30-3 não é exatamente uma regra, mas um conceito que ajuda a enfatizar porque você precisa se concentrar nas motivações do visitante. Os públicos não cativos só prestarão atenção a produtos interpretativos não pessoais quando estiverem interessados no conteúdo visual e escrito. Para aumentar a probabilidade de retenção (aprendizado, conexão, criação de memórias), você deve ganhar e prender a atenção do público.

Segundo Zimmerman e Gross (2006), os produtos interpretativos devem ser projetados para chamar e manter a atenção do público. Nos primeiros três segundos, procure chamar a atenção do seu público e, talvez, transmitir a mensagem principal do seu produto. Faça isso por meio de recursos visuais atraentes e cativantes. Se você ganhou a atenção inicial de seu público, ele pode gastar mais *trinta* segundos lendo uma mensagem concisa e entendendo o fluxo geral e o *layout* das informações. Finalmente, o público pode se envolver com o conteúdo do produto por mais *três* minutos para o processamento dos detalhes da mensagem. Por exemplo, uma sinalização na Trilha Interpretativa Terra Rica da Floresta Nacional do Tapajós desafiou os visitantes a manterem silêncio até chegarem à próxima sinalização, para que pudessem se concentrar nas vistas, sons, odores e texturas ao seu redor.



Os Sentidos Ajudam na Sobrevivência

O porco do mato que ouve a onça se aproximando ganha um dia a mais. A arara com as penas mais bonitas conquista seu par. A beleza, os sons e os aromas ao seu redor não estão aqui por acaso. Os sentidos evoluíram para decifrar as mensagens da natureza e auxiliar na eterna competição pela sobrevivência.

Provoque seus sentidos. Caminhe em silêncio até chegar à próxima placa. Que cores, sons, texturas e aromas você consegue distinguir?

Senses Assist Survival

The wild pig that hears the jaguar approach lives another day. The macaw with the showiest feathers attracts a mate. The sights, sounds and scents around you are not here by chance. The senses evolved to decipher nature's messages and aid in the endless competition for survival.

Challenge your senses. Walk in silence until the next sign. What can you see, hear, feel, and smell?

Envolver os visitantes em uma atividade ou experiência pode prender a atenção deles por mais tempo, permitindo que eles processem a mensagem da sinalização, sintam-se inspirados e lembrem-se dela por muito tempo depois da visita. Imagem: Salustriano Costa.

A interpretação é temática

Lembre-se de que seu público não cativo não tem obrigação de prestar atenção à sua mensagem. Mesmo que prestem atenção, talvez não o faça por muito tempo. Para lidar com isso, formule um tema (ideia central) para cada produto interpretativo e destaque-o claramente na forma de uma única frase completa e cuidadosamente formulada que comunique os conceitos e ideias centrais que os visitantes devem extrair da visita. Cada componente do produto deve dar suporte a essa ideia central. Caso contrário, não deve ser incluído.

Conclusão

Este capítulo apresentou um pouco do vocabulário e dos conceitos interpretativos. Há muitas boas referências de livros introdutórios sobre o assunto disponíveis por meio da *National Association for Interpretation* (www.interpnet.com). O melhor professor, no entanto, é a experiência. Visite tantos museus, exposições, unidades de conservação e outros tipos de áreas protegidas quanto puder e avalie por si mesmo(a) quais exemplos de interpretação não pessoal são mais eficazes. Por fim, cada produto interpretativo que você desenvolver lhe ensinará mais sobre quais técnicas funcionam melhor para o seu próprio público.

Produtos interpretativos não pessoais

Serviços e suportes de comunicação interpretativos não pessoais

Como já mencionado, o termo “não pessoal” refere-se à interpretação que não requer a presença de um condutor de visitantes, um voluntário ou um funcionário de uma área protegida para transmitir as informações e significados do seu produto. Assim sendo, a interpretação não pessoal pode implicar uma comunicação desprovida de personalidade. Não necessariamente. Na realidade, quando um intérprete habilidoso desenvolve suportes de comunicação interpretativos, ele emprega seu melhor esforço intelectual e criativo no trabalho. Os visitantes se beneficiam desse esforço por meio de maiores oportunidades de aprendizado, apreciação e aproveitamento do recurso.

A interpretação não pessoal também não precisa ser monótona. Materias de mediação multissensoriais e interativos aumentam o envolvimento e mantêm o interesse do visitante. Exposições com áudio, arte visual, experiências olfativas e telas táteis criam ambientes de aprendizagem altamente sensoriais. Outro benefício da interpretação não pessoal é que o visitante controla o tempo, o ritmo

e o fluxo do engajamento, em vez de depender da programação e da apresentação do intérprete.

A interpretação não pessoal faz parte de uma estratégia macro de interpretação. Como um bom carpinteiro sabe quais ferramentas precisa para trabalhar, um bom intérprete sabe quais ferramentas e recursos estão disponíveis para realizar sua “comunicação baseada na missão”. Vale ressaltar que a interpretação não pessoal e interpretação pessoal não competem entre si; muito pelo contrário: elas se complementam.

Vantagens da interpretação não pessoal

A interpretação não pessoal tem a possibilidade de ficar disponível 24 horas por dia, oferecendo orientações e informações consistentes. Use a interpretação não pessoal de modo estratégico, para esticar um orçamento modesto. Essa forma de interpretação (ao invés de serviços interpretativos pessoais) possibilita alcançar mais pessoas com menos recursos financeiros se comparado com a contratação de pessoal, além de possuir outras vantagens como:

- fica disponível para um grande número de pessoas;
- pode comunicar mensagens em vários idiomas;
- aumenta a acessibilidade para pessoas com deficiências;
- pode ser colocada em áreas onde os funcionários do parque não estão presentes;
- reforça mensagens interpretativas e as apresentam consistentemente;
- permite que os visitantes escolham e conduzam sua própria experiência;
- estabelece autoridade e credibilidade;
- evidencia o padrão e a identidade da instituição.

Desvantagens da interpretação não pessoal

A interpretação não pessoal também tem algumas desvantagens que devem ser levadas em consideração:

- sujeita a vandalismo;
- sujeita ao desgaste natural;
- os custos iniciais de produção podem ser altos;
- o tempo e os custos de manutenção podem ser significativos;
- as informações podem se tornar obsoletas;
- mensagens fixas não podem ser adaptadas para os públicos e situações individuais.

“Um Intérprete precisa saber quais materiais estão disponíveis ao público antes que os visitantes cheguem, para que possa adaptar essa informação de maneira útil.”

—Serviço de Parques Americanos

Tabela 1: Quatro categorias principais de serviços e suportes de comunicação interpretativos

Impressa	Áudio	Digital	Estruturas 3D
Folhetos	Som natural ou música	Vídeos de orientação	Exposições
Sinalizações temáticas	Podcasts	Webcams	Estátuas
Pôsteres	Áudio-caminhadas	Vídeo-caminhadas	Maquetes/dioramas
Exposições 2D	Exibições com áudio	Websites, aplicativos para celular	Realidade virtual



Imagem: Salustriano Costa.

Floresta Nacional do Tapajós

Trilha da Vovó Sumaúma • Granny Sumaúma Trail



Trilha
Trail

Observação de Vida Selvagem
Wildlife Observation

Parque
Park

Área de Serviço
Service Area

Percurso de Risco
Way on Trail

Percurso de Grande Perigo
Presence of Dangerous Animals

Caminhar até a árvore gigante Vovó Sumaúma é um desafio, mas conhecê-la é um privilégio. O percurso traz agradáveis surpresas reveladas por moradores locais, sábios conhecedores dos segredos da floresta.



Encontre as várias formas de vida em • Find various forms of life in a mammal

Distância: 18 km
Duração: 6 horas
Dificuldade: moderada a difícil

Distance: 18 kilometers
Duration: 6 hours
Difficulty: moderate to difficult



To reach the giant "Granny Sumaúma" tree is a challenge, but to see it is a privilege. Along the trail, your knowledgeable guide will share pleasant surprises and secrets of the forest.

Imagem: Salustriano Costa.

Sinalizações de orientação

Outro grupo importante de suportes de comunicação, que não são necessariamente interpretativos, inclui sinalizações de orientação. Estas têm como funções destacar regulamentos e direcionar visitantes para os atrativos da área protegida e seus principais serviços.

A interpretação não pessoal é a melhor maneira de comunicar?

A interpretação não pessoal é uma ferramenta de comunicação poderosa que você pode desenvolver ao longo do tempo e até mesmo com um orçamento modesto, mas não é sua única ferramenta. A interpretação pessoal, ou interpretação presencial, é igualmente válida e é uma importante forma de comunicação com o público. Para aprender mais sobre a interpretação pessoal, veja o Apêndice II onde você encontrará uma lista de sugestões com diversas referências sobre interpretação.

O capítulo seguinte é um guia para o processo de planejamento interpretativo. Os produtos e serviços interpretativos não pessoais e pessoais começam com o mesmo processo básico de planejamento.

Planejamento interpretativo

Introdução ao planejamento interpretativo

IMPORTANTE: Adapte os passos abaixo conforme seus recursos e situação, levando em conta os processos, roteiros e diretrizes estabelecidos por seu órgão gestor ou instituição.

Áreas protegidas, principalmente na América Latina, sofrem com escassez de pessoal, recursos financeiros e outros recursos necessários para a adequada gestão e manejo das unidades. Você realiza atividades destinadas a conservar a biodiversidade e, ao mesmo tempo, trabalha para proteger serviços ambientais essenciais como o ar, a água e os solos limpos. Você também precisa se envolver e se comunicar de forma proativa com diversos públicos, desde internos (funcionários locais e do escritório regional) até externos (comunidades locais, visitantes, políticos). O planejamento é uma ferramenta importante que você pode usar para alinhar suas ações em direção a um objetivo comum e, ao mesmo tempo, otimizar o uso dos recursos disponíveis (tempo, dinheiro e outros recursos escassos). Isso se aplica ao manejo de áreas protegidas como um todo, assim como à interpretação de forma mais específica.

Se você trabalha ou é voluntário em uma área protegida, seus talentos e conhecimentos podem ser requisitados para a criação de

produtos de comunicação. O uso de uma metodologia de trabalho para esta criação colabora com o desenvolvimento de produtos de alta qualidade, correlacionados entre si, o que pode contribuir efetivamente para a missão da sua instituição. A seguir apresentamos o resumo de um processo de planejamento de interpretação que pode ser adaptado e usado da forma que o gestor e/ou comunicador em sua instituição considerar mais adequado. Esse processo é baseado no roteiro desenvolvido pelo Serviço de Parques Americanos e foi usado por Bonnie Lippitt, especialista em interpretação do Serviço Florestal dos Estados Unidos, durante o processo de desenvolvimento de planos interpretativos para a Floresta Nacional do Tapajós e para o Parque Nacional de Anavilhanas, na Amazônia brasileira.

Etapas do processo de planejamento interpretativo

Para ser funcional e eficaz, a interpretação não pessoal não pode ser feita de maneira aleatória. Pelo contrário, ela deve fazer parte de um processo de desenvolvimento e implementação de um plano interpretativo.

O plano interpretativo é o produto final de um processo de planejamento minucioso, que tem como objetivo principal orientar o desenvolvimento de produtos interpretativos. O plano deve responder: você está interpretando...

- para quem?
- por quê?
- o quê?
- onde?
- como? e
- quando?

Um plano interpretativo completo é composto de várias etapas. Para ilustrar esse processo, delineamos uma série de passos que foram



No Parque Nacional de Anavilhanas, a equipe de planejamento foi composta por representantes do Serviço Florestal dos EUA, que coordenaram o processo, e servidores do ICMBio. Foto: Lorena Brewster.

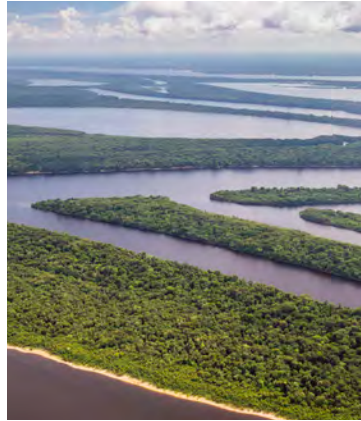
úteis nos planejamentos interpretativos na Floresta Nacional do Tapajós e no Parque Nacional de Anavilhanas.

Etapa 1 - Forme sua equipe de planejamento

Uma boa equipe de planejamento de interpretação combina os talentos e habilidades dos funcionários da área protegida, das partes interessadas e dos especialistas em conteúdo. O objetivo da equipe é criar um documento de referência que orientará o desenvolvimento e a implementação de serviços interpretativos pessoais e não pessoais. A equipe de planejamento é a equipe principal, responsável pela orientação e condução de todo o processo, como: liderar atividades participativas com comunidades; dialogar e envolver especialistas para a elaboração do conteúdo; e garantir que o plano seja concluído de acordo com prazos e orçamentos disponíveis.

Etapa 2 – Principais documentos de referência

Um plano interpretativo pode ser um componente do conjunto geral de documentos de planejamento de uma área protegida. Esse conjunto pode incluir um plano de manejo, plano de uso público e outros documentos de planejamento para questões específicas (ex.: prevenção e combate a incêndios, manejo de espécies invasoras). Em uma situação ideal, as decisões sobre serviços de informações ao visitante e produtos interpretativos serão subsidiadas por esforços anteriores de planejamento. Contudo, na maioria das vezes, nem todos estes documentos estão disponíveis e muitas áreas protegidas não possuem plano de manejo atualizado. Se esse for o seu caso, consulte a missão/visão, os objetivos e diretrizes da sua instituição para orientar sua tomada de decisão.



O processo de elaboração do plano interpretativo no Parque Nacional de Anavilhanas, ocorreu ao mesmo tempo que a revisão de seu plano de manejo. A possibilidade de participação da equipe que fazia a revisão do plano de manejo na elaboração do plano interpretativo, assegurou que os objetivos de manejo da unidade de conservação fossem devidamente contemplados. Foto: Diogo Lagroteria.

Os principais documentos que você deve ter em mãos e revisar constantemente, que serão suas referências durante o processo de planejamento são: a missão da sua instituição, os instrumentos legais de criação da sua área protegida, o plano de manejo, o plano de uso público, entre outros. Devem ser considerados também documentos mais abrangentes como planos regionais de turismo e conservação, zoneamentos ecológicos econômicos, etc. elaborados em níveis federal, estadual ou municipal.

Etapa 3 - Realizar inventários de campo e interpretativos

Uma vez que a equipe de planejamento tenha uma boa compreensão da área protegida, a etapa seguinte inclui visitas de campo e reuniões com atores locais. É durante essas visitas de campo que você deve realizar um inventário interpretativo e um inventário de campo.

O **inventário interpretativo** inclui a identificação de fatos e características de conservação que se destacam em sua área protegida. O **inventário de campo** se aprofunda na história cultural e natural de uma área específica que foi identificada para interpretação. Por exemplo: uma trilha popular ao longo de um rio que leva a um prédio histórico (inventário interpretativo) pode incluir um inventário de flora e fauna ao longo do rio, bem como a história e casos relativos ao edifício (inventário de campo). À medida que você adquire uma compreensão mais profunda da área e dos recursos, é bom voltar ao campo e avaliar esses inventários. Algumas narrativas e locais para instalação de seus produtos interpretativos serão evidentes desde o início. Em outros casos, pode levar mais tempo para novas ideias tomarem forma.

Um inventário interpretativo objetiva a identificação de características marcantes, histórias importantes e fatos essenciais que ajudam a conectar os visitantes aos significados do local. O ideal é que o inventário seja realizado pela própria equipe de planejamento, assim os membros do grupo estarão envolvidos em todas as atividades destinadas a conhecer, descobrir e esclarecer os diversos significados do seu sítio. As atividades podem incluir visitas ao campo, reuniões com condutores locais e oficinas de participação pública. Estas atividades devem reunir as principais fontes locais de informações sobre o que a área tem a oferecer. As principais questões a serem levadas em consideração durante a realização do inventário interpretativo são:

- por que vale a pena proteger sua área protegida?
- quais histórias sobre esse lugar os visitantes devem conhecer?

- o que sua área protegida representa historicamente e culturalmente?
- existe um tema comum que retrata o que sua área representa, que surge repetidamente na fala dos seus entrevistados?
- existe um habitat-chave ou alguma espécie bandeira que a sua área protege?
- o que você gostaria que os visitantes sentissem ao conhecer a sua área e/ou o recurso que ela protege?
- quais pensamentos você gostaria de estimular em seus visitantes e quais ações você espera deles durante e depois da visita?

Um **inventário de campo** pode ser iniciado neste estágio e provavelmente continuará durante todo o processo de planejamento. Como o termo sugere, este é um inventário dos recursos em campo, tanto naturais quanto culturais. Nele, devem ser identificados os locais que melhor promovem a interação e o aprendizado dos visitantes sobre a área. A maioria dos recursos está localizada dentro ou próxima dos limites da área protegida. No entanto, também é possível que cidades e vilas próximas ou na região também possam ser boas localidades para produtos e serviços de interpretação. As principais questões a serem lembradas durante o inventário de campo incluem:

- onde os visitantes começam sua visita? Onde querem ir? Onde podem estacionar? Quais serviços básicos (banheiros, comida, água) estão disponíveis?
- quais recursos ou atrações essa área oferece aos visitantes?
- qual é o padrão ou o perfil de visitação?
- qual área tem maior importância ou significado em sua área protegida?
- você consegue detectar e identificar um tema ou uma narrativa geral para o local?
- há habitats críticos ou características sensíveis que precisam de proteção especial ou que, por algum motivo, não devem ser o foco da interpretação específica do local?

Enquanto os inventários interpretativo e o de campo estão sendo realizados, é sempre uma boa ideia organizar uma oficina ou reunião aberta ao público, com a presença dos principais interessados.

A participação pública ajuda a alcançar vários objetivos:

- garantir que a população local tome conhecimento e seja capaz de ajudar a elaborar ações futuras;
- expandir as informações técnicas, ideias e fatores culturalmente relevantes, aumentando o número de pessoas envolvidas no processo;
- fortalecer relacionamentos; e
- criar uma visão compartilhada para o futuro.

Embora a equipe de planejamento interpretativo provavelmente seja composta por pessoas que entendem a missão da área protegida e os princípios da comunicação interpretativa, elas podem ou não ter informações completas sobre os recursos e as oportunidades interpretativas específicas da área protegida e das áreas adjacentes. Envolver neste processo os líderes comunitários locais, professores de escolas, especialistas em áreas de conhecimento, condutores e outras pessoas direta ou indiretamente envolvidas com a área protegida pode, realmente, ajudar a fortalecer o plano geral. Relações sólidas entre gestores de áreas protegidas e membros da comunidade local promovem harmonia e uma forte visão compartilhada para o futuro.

Etapa 4 - Desenvolver as principais áreas de conteúdo: descrição dos públicos, declarações de importância e temas interpretativos

Durante o inventário interpretativo, o inventário de campo e o processo de participação do público, você deve colher todas as ideias possíveis para subsidiar a elaboração das descrições dos seus principais públicos, das declarações de importância dos recursos, e dos temas. A seguir é apresentada uma breve descrição de cada um desses componentes do plano.



O primeiro passo no processo de desenvolvimento do plano interpretativo da Floresta Nacional do Tapajós incluiu uma oficina com a equipe interpretativa central, a equipe do ICMBio e atores locais interessados (representantes comunitários, condutores turísticos, empresários e autoridades locais). Os participantes trabalharam juntos para identificar os públicos; recursos interpretativos, objetivos, temas e prioridades; as metas de gestão do ICMBio; e futuras oportunidades de negócios. A reunião também teve o intuito de criar/ fortalecer parcerias estratégicas e promover o engajamento da população na gestão da Unidade. Foto: Lorena Brewster.

Descrição dos públicos

A interpretação é uma comunicação voltada intencionalmente para públicos específicos. É importante identificar todos os principais públicos que você precisa alcançar em seu plano interpretativo. Um produto interpretativo pode ter mais de um público potencial. Por exemplo, um folheto pode ser criado para visitantes locais, mas também pode ser interessante para grupos escolares. Identificar seus públicos de interesse e fornecer descrições breves das características desses públicos ajudará a garantir que, efetivamente, você os

alcançará com seus produtos. As descrições de públicos podem já ter sido desenvolvidas durante o processo de elaboração do plano de manejo. Caso os públicos não tenham sido identificados, talvez você precise colher informações adicionais por meio de pesquisas, entrevistas, consultas com especialistas (como condutores locais) e observações no campo. Algumas características do público são importantes para decidir como, quando, onde e o que interpretar. Exemplos incluem informações demográficas, composição dos grupos, padrões de uso, interesses educacionais, expectativas e resultados esperados.

Exemplos de descrição dos públicos

Visitantes Regionais

Aproximadamente 30% dos visitantes são provenientes de áreas locais ou regionais. Os visitantes locais podem ser de Santarém, Belterra ou de áreas vizinhas. Já os visitantes regionais vêm dos estados do Amazonas ou do Pará, na maioria das vezes, das cidades de Manaus e Belém. O motivo principal de suas visitas é nadar no Rio Tapajós, explorar a natureza (20%) e aproveitar a cultura do Rio Amazonas (28%). A maior parte dos visitantes regionais visitam a área durante o dia e permanecem, em média, de 7 a 8 horas no local. As visitas regionais geralmente ocorrem de julho a novembro.

Visitantes Nacionais

Outros visitantes brasileiros vêm principalmente de São Paulo, do Rio e de outros centros urbanos populosos. Em função do alto custo de passagens aéreas do sudeste do país até Santarém, geralmente esses visitantes têm alta renda e são os que mais viajam para Santarém e para a FLONA Tapajós. A maioria dos visitantes nacionais (64%) fazem visitas diárias de 7 a 8 horas de duração à Floresta para explorar a natureza (45%) e conhecer a

cultura das populações ribeirinhas (44%). Esses visitantes geralmente ficam hospedados em Alter do Chão. A alta temporada de visitantes brasileiros (não regionais) vai de julho a novembro.

Visitantes Internacionais

Os visitantes internacionais geralmente visitam a floresta como parte de uma excursão organizada e conectada aos navios de cruzeiro que trafegam pela região. Outros preferem viajar de maneira independente, seja individualmente ou em casais. São principalmente da Europa e dos Estados Unidos e representam aproximadamente 30% dos visitantes da floresta. O objetivo de suas visitas é aproveitar a natureza (51%) e conhecer a cultura das comunidades (40%). Esses turistas ficam na região, em média, por 2,5 dias. Essas visitas são realizadas durante o ano todo.

Plano Interpretativo da Floresta Nacional do Tapajós, 2015.

Declarações de importância

Embora o inventário interpretativo e o de campo forneçam uma visão abrangente do que a área protegida possui, não é possível, eficaz ou mesmo desejável, interpretar todos os elementos. Desenvolver declarações de importância ajuda a depurar a lista do que “pode” ser interpretado para definir o que “deve” ser interpretado. Pergunte-se: quais são os tópicos e histórias mais importantes para a minha área protegida? Existem qualidades específicas que só são encontradas aqui? Os recursos daqui tem potencial para ajudar os visitantes a entender recursos semelhantes em áreas mais remotas? As **declarações de importância** definem os fatos mais importantes e concretos sobre os recursos e seus valores associados.

Essas declarações podem fazer parte do plano de manejo de uma área protegida, especialmente no caso de planos concluídos ou atualizados

recentemente. Caso contrário, devem ser desenvolvidas e incluídas no plano interpretativo. Conforme observado acima, o envolvimento das partes interessadas e do público pode ajudar nesse trabalho.

As declarações de importância mais eficazes são frases completas ou parágrafos curtos que destacam os fatos e o contexto dos recursos e histórias mais importantes da área protegida. É fundamental que sejam cientificamente e/ou historicamente precisas. Elas devem indicar se os recursos são importantes regionalmente, nacionalmente ou internacionalmente, assim como identificar se eles são comuns, raros, únicos, ameaçados, culturalmente importantes ou significativos de alguma forma.

O conjunto de declarações de importância de uma área serve como base para o desenvolvimento de seu tema interpretativo primário. Muitas vezes, o material das declarações de importância ajuda a focalizar e fornecer conteúdo de apoio para a interpretação pessoal e não pessoal.

Declarações de Importância do Plano Interpretativo do Parque Nacional de Anavilhanas (PNA)

O Parque Nacional de Anavilhanas abriga parcela importante da diversidade de espécies e ecossistemas da bacia do Rio Negro, oferecendo inúmeras possibilidades de pesquisas e de conhecimento.

Seja nas diferentes feições florestais ou em seus vários ambientes aquáticos, o Parque serve de refúgio para espécies endêmicas daquela bacia hidrográfica, espécies migratórias, ameaçadas ou bastante exploradas comercialmente fora da unidade de conservação, tendo um importante legado na proteção da biodiversidade amazônica.

Os moradores de Novo Airão, antiga Tauapessaçu, onde está a sede do Parque, e as comunidades tradicionais da região, têm suas vidas fortemente conectadas ao rio e à floresta e, conseqüentemente, à unidade de conservação, desde a sua criação na década de 1980.

Plano Interpretativo do Parque Nacional de Anavilhanas, 2016

Declarações de Importância do Plano Interpretativo da Floresta Nacional do Tapajós

A Floresta Nacional do Tapajós é parte de, e exemplifica, o bioma de floresta tropical do ecossistema da grande Amazônia, que se estende por nove países e cobre quase um terço do continente sulamericano.

A Floresta Nacional do Tapajós é incrivelmente complexa, rica e produtiva, com alto nível de biodiversidade, volume de biomassa e alta capacidade de rápida decomposição e regeneração.

Plano Interpretativo da Floresta Nacional do Tapajós, 2015

Temas interpretativos: de fatos tangíveis a significados intangíveis

Após redigir as declarações de importância, utilize-as para identificar os atributos intangíveis presentes em sua área protegida.

Os atributos **tangíveis e intangíveis** são elementos-chave na construção de mensagens interpretativas. Os tangíveis envolvem os cinco sentidos (visão, audição, paladar, olfato e/ou tato). Por exemplo, uma árvore na floresta é um elemento tangível porque você pode ver, tocar e até sentir o cheiro dela. No entanto, em um contexto diferente, uma árvore também pode ter um significado

intangível, como na noção abstrata de uma árvore genealógica.

Os atributos tangíveis estão ligados ao lado racional do cérebro e visam *informar* o visitante sobre algo ou alguém. Já os intangíveis (ou significados) estão ligados às nossas emoções e visam formar *conexões emocionais* entre o visitante e o recurso. Ambos atributos são igualmente importantes para uma mensagem interpretativa eficaz, portanto, ao estruturar seu texto, procure ligar os fatos (tangíveis) a seus significados (intangíveis), particularmente aqueles significados com relevância *universal*.

Aqui está um exercício simples sobre como conectar esses elementos:

- **Fato (tangível):** a floresta amazônica (algo que você pode ver, visitar, tocar, ouvir e/ou cheirar).
- **Significado (intangível):** fonte de cura medicinal e alimento que proporciona segurança para a família.
- **Vinculando os atributos:** A Floresta Amazônica é uma coleção de ecossistemas interconectados que são cruciais para a sobrevivência do nosso planeta.
- **Intangíveis com relevância universal:** Sobrevivência, interconectividade (conceitos que todos os seres humanos entendem, independentemente de nacionalidade, etnia ou crenças culturais).

Após redigir as declarações de importância, utilize-as para identificar os atributos intangíveis que sua área protegida representa. Nos exemplos de declarações de importância acima, a Floresta Nacional do Tapajós demonstra a importância de conservar seus ecossistemas devido ao alto nível de biodiversidade que ela contém. Por sua vez, o Parque Nacional de Anavilhanas representa a importância do arquipélago na proteção de ambientes aquáticos e sua conexão com as comunidades locais. Esses são exemplos de declarações de

importância que foram transformadas em mensagens-foco de temas interpretativos.

Temas interpretativos são geralmente expressos em uma frase cuidadosamente elaborada. Eles conectam os recursos tangíveis aos significados intangíveis. Um tema interpretativo bem elaborado permanece na memória do visitante por muito tempo, por mais que os fatos específicos do recurso ou da visita sejam esquecidos. Em alguns casos, um tema primário surge para uma área inteira, e os demais temas são considerados secundários, ou *subtemas*, dando suporte ao tema principal. Em outros casos, uma área pode ser muito complexa ou conter vários recursos com diferentes significados, resultando na identificação de mais de um tema primário. De qualquer maneira, o programa interpretativo de uma área protegida deve ser criado e possuir forte ligação com, seu(s) tema(s) interpretativo(s). Eles são as “fundações onde serão assentados os tijolos” para a construção da base e o posterior desenvolvimento do conteúdo dos materiais, serviços e programas interpretativos.

Alguns temas (e subtemas) interpretativos são usados, palavra por palavra, em apresentações e produtos interpretativos. Em outras situações, o tema é transmitido de forma mais sutil, contribuindo para o tom, a emoção e a narrativa em textos e peças gráficas específicas fornecidas ao público. Finalmente, além de conectar os recursos e os significados da área protegida, os temas interpretativos também podem ajudar a sugerir comportamentos desejados dos visitantes em resposta à mensagem do tema.

Exemplos de temas interpretativos do Parque Nacional de Anavilhanas

1: O Rio Negro, desde tempos imemoriais, testemunhou disputas territoriais, ciclos econômicos e momentos marcantes da história brasileira, e o Parque Nacional Anavilhanas protege esse importante patrimônio arqueológico, histórico e cultural para as gerações presentes e futuras.

- *Com esse tema, os atributos intangíveis de **história, disputas, cultura e ciclos econômicos** destacam a necessidade de proteger o Parque para as gerações presentes e futuras.*

2: No Parque Nacional de Anavilhanas, o Rio Negro apresenta um cenário único que oferece inúmeras oportunidades de experiências emocionais, sensoriais e intelectuais, em um labirinto de ilhas espelhadas por águas escuras que mudam com a variação dos níveis do rio, convidando-nos a desafiar nossos limites e ampliar nossa percepção do mundo.

- *Aqui, os atributos intangíveis de **emoção, desafio e experiências sensoriais** visam atrair e convidar o visitante a pensar no Parque como um portal para aventura, contemplação e reflexão.*

Como Redigir um Tema Interpretativo

De acordo com Sam Ham (1992), para redigir um tema interpretativo é necessário:

1. Responder: Qual é o assunto ou objeto que você deseja apresentar ao seu público?
2. Mais especificamente, qual aspecto deste assunto ou objeto você quer que seu público entenda ao ler seu tema?
3. O que eu quero que o meu público saiba quando eu terminar a minha apresentação?

O passo seguinte é redigir seu tema no formato de uma frase completa.

Nem todos os temas são usados em todos os produtos que você desenvolve. Se for essencial que todos os visitantes recebam uma determinada mensagem, será melhor exibi-la com destaque em locais estratégicos e muito visitados, como centros de visitantes e áreas de descanso. Alguns subtemas e mensagens só serão encontrados em locais especiais como trilhas ou no interior de uma área protegida.

É importante destacar que a redação de temas interpretativos não é fácil. Pode demorar um pouco para desenvolver um tema até um formato final e utilizável. A redação deve ser trabalhada e retrabalhada, moldada e melhorada ao longo do tempo. Demore tanto quanto for necessário para desenvolver os temas e, com o tempo, o processo se tornará mais fácil.

Etapa 5 - Desenvolver ideias de produtos e definir localidades

Uma vez que você tenha descrições claras do seu público e suas ideias iniciais para os seus temas, você pode então começar

a desenvolver ideias específicas para seus produtos interpretativos e pensar em locais onde esses produtos serão implementados na área protegida. Nesse momento é importante estimar os custos de cada produto e atribuir símbolos (de \$ a \$\$\$\$), para indicar o montante de recursos financeiros que o projeto vai precisar. Isso é importante porque não faz sentido começar um projeto que você não conseguirá terminar ou manter.

Tabela 2. Exemplo de estimativas de custo para potenciais produtos interpretativos identificados no plano interpretativo do Parque Nacional Camino de Cruces, no Panamá.

Produto proposto	Classificação financeira	Tempo de pessoal necessário
Mídia social	\$	Contínuo
Folheto	\$\$	Mínimo
Trilha Interpretativa	\$\$\$	Moderado (planejamento e manutenção)
Centro de Visitantes	\$\$\$\$	Significativo (planejamento, pessoal, manutenção)

Etapa 6 - Use uma matriz de priorização dos produtos para definir o que implementar primeiro

Depois de reunir todos os elementos para o plano interpretativo, uma das formas mais úteis de visualizar as informações é por meio do desenvolvimento de uma matriz de priorização dos produtos. Essa matriz ajuda você a responder à pergunta: como vou implementar o meu plano?

A equipe de planejamento deve criar a matriz de priorização de produtos, elencando os projetos prioritários e as conexões entre públicos, subtemas, produtos e locais para sua implementação. O objetivo é combinar os diversos públicos com suas respectivas mensagens interpretativas e seus suportes de comunicação. Deve-se ainda definir os locais onde cada suporte de comunicação é

desejável e/ou necessário. Considere criar uma tabela com os temas localizados na parte superior e públicos no lado esquerdo. No corpo da tabela, você pode adicionar os produtos mais apropriados e priorizados para cada público e tema. Além disso, após cada produto, você pode incluir uma referência ao local dentro do parque onde o produto deve ser implementado. Veja abaixo um exemplo de matriz temática de priorização de produtos extraída do plano interpretativo da Floresta Nacional do Tapajós.

Matriz temática de priorização

Uma matriz temática de priorização é uma tabela que mostra onde, como e para quem os temas interpretativos serão oferecidos. A equipe da Floresta Nacional do Tapajós identificou os seguintes locais como os mais apropriados e viáveis para instalação de sinalizações de orientação, informação e interpretação.

- Terra Rica - referência (TR)
- Alter do Chão-CAT - referência (ADC)

Tipos de visitantes	Subtema: A Floresta	Subtema: A Pesquisa	Subtema: O Rio Tapajós
Visitantes Recreativos Comunidades Regional Nacional Internacional	Prioridade máxima: *Trilha Interpretativa Terra Rica (TR) **Exposições no CAT (ADC)	Prioridade baixa: *Trilha Interpretativa Terra Rica (TR) Folheto FNT (FG) Histórias de uma página	Prioridade baixa: *Exposição no CAT (ADC) Painel no Aeroporto (STM)

A seguir, veja exemplos de materiais interpretativos elaborados seguindo a matriz temática acima:

Subtema: A Floresta

A Floresta Nacional do Tapajós é um dos melhores lugares do Brasil para os visitantes perceberem a riqueza e a diversidade do ecossistema amazônico.



Como o subtema “floresta” foi identificado como de alta prioridade para a maioria dos visitantes da Floresta Nacional do Tapajós, a equipe de planejamento considerou que a Trilha Interpretativa Terra Rica (TR) forneceria aos visitantes excelentes exemplos de biodiversidade florestal e seus ciclos naturais. Imagem: Salustriano Costa.

Subtema: A Pesquisa

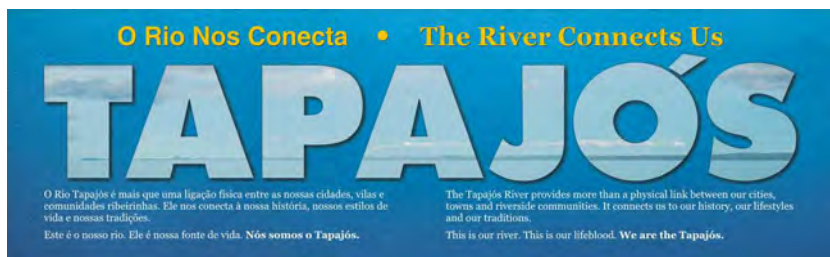
O manejo da Floresta Nacional do Tapajós é um modelo de parceria entre o governo e comunitários locais. Juntos, eles estão trabalhando para proteger a saúde da floresta para benefício das futuras gerações, tanto de seus habitantes, quanto de todo o Povo brasileiro.



A Floresta Nacional do Tapajós tem uma rica história de envolvimento da comunidade no manejo florestal sustentável. Com esta placa, a equipe de planejamento destacou as comunidades e seus esforços para criar uma visão unificada para a conservação. Imagem: Salustriano Costa.

Subtema: O Rio Tapajós

O Rio Tapajós é a alma da floresta e das comunidades, e sua importância é tão grande e profunda quanto o próprio rio.



O Rio Tapajós oferece às comunidades locais mais do que serviços ambientais (alimento, água, etc); ele também é fonte de história, identidade e orgulho. Nesta placa, localizada no Centro de Atendimento ao Turista de Alter do Chão (ADC), a equipe de planejamento ressaltou a forte conexão entre o Rio Tapajós e a identidade Tapajoara. Imagem: Salustriano Costa.

Há um velho ditado que diz, “para fazer o chá, você primeiro tem que ferver a água”. O planejamento de interpretação corresponde ao preparo da água. O chá é o seu produto interpretativo. O próximo capítulo abordará o processo de desenvolvimento de produtos interpretativos.

Desenvolvimento de produtos interpretativos

A criação de produtos interpretativos é uma jornada cheia de desafios, mas também de descobertas para intérpretes iniciantes ou experientes. Desenvolver novos produtos requer pesquisa, o que lhe permitirá continuar aprendendo coisas novas. Você formulará novas ideias e compreenderá melhor as histórias e conceitos complexos. Sua criatividade será testada à medida que a informação vai se materializando em formas mais potentes. Desenvolva sua visão para cada produto e siga-a até o fim. Você consegue!

Planeje, produza, avalie, melhore

Os intérpretes devem estar sempre planejando, produzindo ou atualizando suportes de comunicação não pessoais. Não tenha receio de que seu produto não está perfeito. Como já mencionado, não existe um produto interpretativo perfeito para todos os públicos ou situações. No entanto, isso não é desculpa para a mediocridade. Cada produto interpretativo reflete sua atenção aos detalhes e capacidade de se comunicar claramente. Cada experiência no desenvolvimento de um produto é uma oportunidade de aprendizagem que contribuirá para

melhorar seu próximo produto. O desenvolvimento de produtos interpretativos é sua oportunidade de ser um escritor, um artista, um professor e um guia. Seja ousado e vá em frente!

A interpretação é uma arte colaborativa

Steven Spielberg é reconhecido como um grande diretor de cinema. Mas como Spielberg consegue ser um cineasta tão bom, ainda que não seja um ótimo ator, escritor, editor, músico, figurinista e cenógrafo? A resposta é simples: ele não precisa ser tudo isso. Só precisa saber montar uma equipe criativa e liderar os integrantes ao objetivo comum de produzir filmes inesquecíveis. O mesmo acontece com o desenvolvimento de produtos interpretativos. Como intérprete, sua função é reunir uma equipe criativa e liderar o processo da elaboração de produtos interpretativos que sejam atraentes e eficazes.

Forme sua equipe

Para cada novo produto, forme uma equipe criativa responsável pelo planejamento dos objetivos, conteúdos e detalhes logísticos do produto. De forma estratégica, convoque os integrantes da sua equipe de planejamento, levando em conta as possíveis contribuições de cada um (arte, redação, edição, design gráfico, construção, administração, divulgação, manutenção) para a elaboração de um produto de qualidade. Por exemplo, uma equipe de planejamento de produtos para uma exposição interpretativa em um centro de visitantes pode incluir pesquisadores, escritores, especialistas em conteúdo, artistas, designers gráficos, uma gráfica e trabalhadores da construção civil.

Não selecione muitas pessoas para a equipe central. Evite que os projetos fracassem por excesso de pessoas e grupos de trabalho. Equipes centrais grandes tendem a gerar muitas opiniões contraditórias sobre a arte e o direcionamento do produto, o que pode

gerar confusão e atrasos dispendiosos sem necessariamente gerar melhores resultados. Cada membro de uma equipe central deve ter o poder de decisão final sobre uma determinada parte do projeto. Por exemplo, embora o designer deva estar aberto a comentários, nenhum designer profissional se sente à vontade trabalhando em uma equipe em que a escolha da fonte e da cor do texto esteja sujeita à votação.

Compartilhe os detalhes e esboços do projeto com tomadores de decisão que têm autoridade para aprová-los. Essas pessoas podem não ter tempo para se envolver com o dia-a-dia do desenvolvimento do produto, no entanto, eles devem estar cientes dos objetivos e ideias centrais do produto. Lembre-se também que não é útil investir o tempo das pessoas em ideias e conceitos que provavelmente não serão aprovados por diversos motivos (orçamento, considerações políticas, adequação à missão da instituição).

Procure ouvir comentários em diferentes fases do projeto: 30%, 60% e 90%

A equipe deve concordar em uma metodologia de aprovação do desenvolvimento de um produto. Uma forma de evitar problemas é procurar ouvir comentários e obter aprovações nas várias fases do projeto. Ao concluir a primeira fase, ou 30% do projeto, prepare um relatório de progresso com detalhes do conceito geral, os objetivos do projeto, a direção artística, o conteúdo geral e a logística. Reserve tempo para a revisão e comentários que devem ser incorporados ao projeto. Ao atingir 60% de conclusão, apresente as mensagens e imagens que irão compor o produto e abra espaço para comentários. Ao atingir 90% de conclusão, o produto deve estar pronto para a produção final. Todos devem concordar que nessa fase só é possível fazer retoques finais e não mudanças substanciais. Alterações após essa fase podem implicar em aumento de custos e prazo de entrega dos produtos.

1.000 detalhes - 1 líder

Muitos projetos interpretativos não atingem seu potencial porque não têm o foco e a motivação que um líder de projeto oferece. Cada plano ou equipe de produto interpretativo deve selecionar um líder. Essa pessoa deve se concentrar nos detalhes e nas tomadas de decisão, visando facilitar o processo interpretativo. Ele, ou ela, incentivará todos os membros da equipe a darem sua melhor contribuição para a elaboração de produtos criativos e educacionalmente potentes. O líder da equipe também deve ter autoridade para aprovar e gastar o orçamento do projeto. O líder é responsável pelo controle de qualidade e garante que o produto final não contenha “erros fatais*”. Se o projeto precisar de mão de obra terceirizada, é tarefa do líder da equipe coletar, consolidar e transmitir comentários e decisões (após as revisões) aos subcontratados.

**Erro fatal é aquele que pode gerar situações desagradáveis ou até arruinar o projeto. Exemplos podem ser um erro ortográfico grave, uma tradução idiomática ofensiva, ou uma exposição interpretando um recurso natural que jamais existiu no local. Se um erro fatal, por menor que seja, passar despercebido pela equipe, é provável que algum visitante perceba, o que pode gerar desconforto tanto para o visitante como para a instituição.*

Seja como a água

Aceite que as coisas mudam. Os projetos evoluem à medida que novas ideias surgem. Em certo momento, é preciso se concentrar em um conceito e desenvolvê-lo, mas permaneça aberto a novas ideias que possam melhorar a qualidade do projeto. Após a aprovação e início do projeto, a tarefa do líder da equipe é facilitar a conclusão do projeto e respeitar os cronogramas estabelecidos nos contratos. Em alguns dias, muitas coisas serão feitas, em outros, quase nada.

Os autores aconselham que você “seja como a água em meio às pedras”. A água é poderosa porque os obstáculos não a impedem de alcançar seu destino. A água pode ser vapor, gelo ou líquido. Cada uma dessas formas é um agente de mudança igualmente poderoso. A água em movimento pode erodir a pedra.

Responda a cada pergunta e resolva cada desafio com determinação e otimismo. Concentre-se na qualidade, seja fiel à sua visão e mantenha um grau saudável de adaptabilidade. Mais importante ainda, cumpra o máximo de itens que puder em sua lista de tarefas diárias. Seu produto interpretativo será único e servirá ao público.

O quão sustentável é o seu produto interpretativo? Antes de criá-lo, pense um pouco sobre sobre isso

Lista de verificação de desenvolvimento de produtos

Os produtos sustentáveis são aqueles que duram muito tempo e não exigem atualizações constantes. Antes de decidir sobre um suporte de comunicação específico é importante responder as seguintes perguntas:

1. Por que este produto é o mais adequado para o público e a situação?
2. O produto estará disponível ao público em um local conveniente e estratégico?
3. É possível criar e manter o produto em uso?
4. O produto exigirá atualizações ou revisões frequentes?
5. Quanto tempo você pretende que este produto dure? Ele permanece relevante?
6. O produto é o mais ecologicamente correto?
7. É possível fabricar o produto usando materiais e recursos locais?

8. O produto oferece benefícios econômicos para a comunidade local (arte, design, construção)?

Após responder essas perguntas, você terá uma ideia mais clara da adequação do suporte de comunicação interpretativo escolhido.

Processo de desenvolvimento de produto interpretativo impresso

Seguem os principais componentes desse processo:

- participação
- seleção do produto
- planejamento do produto
- orçamento
- texto
- arte
- layout e design
- produção
- construção e instalação (em caso de placas)
- divulgação

Seleção de produto

Consulte o plano interpretativo e use sua matriz de prioridades para selecionar um produto que sirva a cada público, a mídia interpretativa mais adequada e qual o lugar mais adequado para implementação.

Planejamento individual de produto

Como já visto, a NAI define a interpretação como um processo de comunicação baseado em uma missão. Portanto, cada produto exige um planejamento cuidadoso com base em metas e objetivos claros. Como intérprete líder, você deverá guiar o projeto desde o conceito inicial até a conclusão. Você deverá gerenciar orçamentos, redigir textos, desenvolver elementos visuais e gerenciar a construção e divulgação do projeto. Cada uma dessas etapas requer planejamento.

Dicas para manter-se organizado(a)

- Faça um cronograma reverso, ou seja, contando a partir do dia em que você deseja que o projeto esteja concluído até o presente. Divida esse cronograma em blocos de tempo ligados a cada tarefa principal. Certifique-se de que o cronograma tenha espaço suficiente para as revisões dos esboços. Revise o cronograma regularmente. (Veja exemplos de cronogramas no próximo capítulo).
- Disponibilize o texto online. Por exemplo, use o *Google Docs* ou outro método de *backup* para compartilhar as versões atuais com outros redatores e editores.
- Mantenha um registro dos recibos e controle o orçamento usando um *software* de planilhas. Se requerido pela instituição, mantenha os recibos originais e/ou cópias escaneadas.
- Se necessário, compartilhe com a equipe as planilhas e documentos escaneados em *Google Drive* ou em outro *software* apropriado.
- Guarde (online) as informações de contato dos principais colaboradores e prestadores de serviços.
- Faça *backups* de todos os documentos regularmente.

Orçamento e finanças

Os custos de produtos interpretativos variam muito. Seja realista sobre o que é possível realizar até a aprovação do orçamento. Quando o orçamento for aprovado, saiba quais são os métodos e procedimentos de compras e pagamentos de sua instituição. Esteja aberto a colaboradores, patrocinadores ou parceiros que possam ajudar a financiar os produtos interpretativos. Se não houver um orçamento para os produtos, seja criativo e use computadores, impressoras, *smartphones* e mídias sociais para ajudar a transmitir suas mensagens com o menor custo possível.

Participação pública

A participação do público nos ajuda a alcançar vários objetivos, incluindo: (1) garantir que os membros da comunidade local estejam cientes e sejam capazes de ajudar a planejar as ações futuras; (2) divulgar informação técnica, ideias criativas e fatores culturalmente relevantes; (3) fortalecer os relacionamentos; e (4) criar uma visão coletiva para o futuro. Embora a equipe de planejamento interpretativo entenda a missão da área protegida e os princípios da comunicação interpretativa, eles podem não estar totalmente informados sobre recursos específicos e as oportunidades interpretativas da área protegida e das áreas adjacentes. As informações dos líderes comunitários locais, professores, especialistas das diferentes áreas de conhecimento e condutores podem ajudar a fortalecer um produto interpretativo.

Envolva as partes interessadas:

- no início do processo de planejamento, para testar a atratividade e adequação do tema;
- durante a avaliação formativa, para determinar a precisão do produto;

- e durante as inaugurações e comemorações, para compartilhar o reconhecimento e a diversão.

Texto: dicas para construção da mensagem do produto

Um dos aspectos mais importantes, desafiadores, demorados, porém, mais gratificantes do desenvolvimento de produtos interpretativos é a elaboração de mensagens claras e interessantes. Seguem dicas para a construção criativa da escrita interpretativa.

Não se isole

O bloqueio criativo é algo real. Procure um bom parceiro (redator) para trocar ideias e seguir em frente.

Primeira ideia, melhor ideia

A escrita interpretativa não é fácil. Às vezes, a coisa mais difícil é enfrentar um papel em branco. O poeta Allen Ginsberg aconselhou os escritores a sempre procurar a verdade essencial do tema abordado. “Primeira ideia, melhor ideia”, proclamou o poeta. Pergunte a si mesmo o que você realmente deseja que o visitante conheça, sinta ou faça. A partir dessa ideia central, comece a escrever.

Crie primeiro, corrija depois

O desenvolvimento de texto é um processo criativo; a edição é um processo analítico. Resista à tentação de se corrigir enquanto cria. Escreva suas ideias, afaste-se do texto e deixe o conteúdo “assentar” durante um período. Espere um tempo para que novas ideias e palavras surjam.

Estimule a ação e o pensamento

A melhor interpretação ocorre na mente dos visitantes enquanto refletem sobre sua experiência. Faça perguntas, sugira atividades,

lance desafios, faça observações diretas, torne as coisas interativas e use os cinco sentidos. Faça uma mistura estratégica de técnicas para tornar o processo mais detalhado e minucioso (em outras palavras- PENSE!).

Evite clichês e expressões óbvias

Evite trivialidades, que, por mais que soem bem, não dizem muito (ex. “A floresta amazônica é rica”). Em vez disso, mostre o que quer dizer. Escreva suas ideias (ex. “A floresta amazônica é o lar de milhões de seres vivos de inúmeras formas, cores e tamanhos”).

25 versões para chegar à poesia

No começo, não se preocupe se o que você escrever não soar como poesia. Ao polir o texto, suas ideias se transformarão em frases bem feitas e criativas. Na maioria dos casos, serão necessárias várias versões e edições para tornar o texto fluido e impactante.

Quanto mais perspectivas, melhor

É bom mostrar seu texto para várias pessoas. Os amigos e colegas podem lhe surpreender ao mostrar algo que você não havia percebido, como “erros fatais” ou ideias que não estão claras.

Aproprie-se do processo de escrita

É importante que a instituição se responsabilize pela elaboração dos textos interpretativos, em vez de terceirizar essa tarefa. Isso não só porque muitos terceirizados são designers e não escritores, mas também porque o texto define claramente o foco da arte e do suporte gráfico que os terceirizados deverão trabalhar posteriormente.

Tradução

Se seu público-alvo incluir estrangeiros que não falem o idioma local, talvez seja adequado traduzir as mensagens. Vale ressaltar que os serviços de tradução podem aumentar o custo do projeto. Importante lembrar também que mensagens nem sempre podem

ser traduzidas literalmente. Preste atenção às diferenças culturais e assegure-se de que o texto seja revisado por um falante nativo do idioma traduzido.

Importante mencionar que incluir textos em mais de um idioma pode afetar o layout do produto. No caso de placas, o texto bilíngue ocupa espaço que pode ser necessário para a arte. Em geral, o texto bilíngue pode aumentar o alcance de sua mensagem, mas também pode aumentar o orçamento e o prazo do projeto.

Use sempre a mesma pessoa

Ao escrever os textos é importante manter sempre a mesma pessoa para garantir uma narração coerente em todo o produto, assim como é importante ter um só artista e não vários. E, embora seja bom contar com a ajuda e a revisão de outros, no fim das contas, ter uma pessoa responsável pelo texto garantirá que haja uma só voz, tom e ritmo, o que dá coerência ao produto.

Resumo de etapas no processo de desenvolvimento do texto interpretativo:

1. Determine o tema primário da sinalização ou exposição. Esse tema é a ideia central, o fio que conecta as mensagens de todos os produtos interpretativos.
2. Determine o número de produtos interpretativos e cada tópico, lembrando que os temas de todos os produtos devem se conectar (entre si e com o tema central).
3. Pesquise cada tópico cuidadosamente.
4. Escreva um rascunho de texto para cada produto.
5. Divulgue para a equipe de interpretação e receba críticas e orientações construtivas.
6. Repita as etapas 4 e 5 quantas vezes for necessário.
7. Envie o texto para um editor qualificado para corrigir erros de ortografia, gramática e pontuação.

8. Se achar necessário incluir tradução, certifique-se que o texto traduzido esteja gramaticalmente correto e reflita bem a mensagem que você quer passar ao visitante. Certas expressões podem ser diferentes entre um idioma e outro. O importante na mensagem traduzida é ela atingir os objetivos interpretativos e impactos desejados.

Arte

Conteúdo visual: mais importante que palavras?

O conteúdo visual do seu produto pode ser mais importante do que a mensagem escrita, devido a sua capacidade de contar uma história. Isso ocorre porque a arte atrai a atenção do visitante (lembre-se da regra 3-30-3). O texto deve apoiar os elementos visuais e os elementos visuais devem complementar o texto. Em geral, deve-se estabelecer uma hierarquia de prioridades de comunicação e tomar uma decisão consciente sobre qual a maior prioridade: texto ou imagem.

Fotografia versus arte original

A fotografia é melhor para destacar uma cultura viva ou quando há fotos históricas. Se quiser usar fotografias para mostrar pássaros ou animais selvagens, você deve contratar um fotógrafo especializado em vida selvagem com bastante antecedência. Por questões legais (direitos autorais), nunca use uma foto da internet ou de outra fonte sem permissão do fotógrafo. Nunca use fotos borradas, pixeladas ou de baixa qualidade.

Pinturas ou desenhos funcionam bem para mostrar algo que já não existe mais, como o cotidiano de uma civilização antiga. Quando não houver fotografias ou forem difíceis de adquirir, contrate um artista.

Trilhas interpretativas como um exemplo de desenvolvimento de produtos interpretativos

Os produtos interpretativos não pessoais têm muitas formas. Selecione aquela que funciona melhor para o seu público, lugar e orçamento. Este capítulo concentra-se na produção de sinalização (placas) para uma trilha interpretativa, a fim de ilustrar o processo de criação de um produto interpretativo não pessoal. As sinalizações, sejam para orientação ou interpretação, são componentes centrais da maioria das áreas interpretativas. A maioria das etapas e princípios apresentados até agora pode servir para a criação de uma variedade de produtos interpretativos. Acredite: se você for capaz de criar uma boa sinalização, será capaz de produzir qualquer produto interpretativo com qualidade.

Primeiros passos com o conteúdo visual

- Faça uma lista dos tópicos de todas as placas interpretativas.
- Determine as dimensões das placas (tamanhos e formas).
- Mesmo que ainda em estado bruto, escreva o tópico e a mensagem central de cada placa.
- Reúna-se com a equipe criativa e debata ideias sobre a arte necessária para cada placa.
- Mesmo que ainda em estado bruto, faça um esboço da aparência que você quer para as placas. Use sua imaginação!

Trabalhando com o artista plástico

Use o talento de artistas locais sempre que possível. Procure um artista cujo estilo de pintura ou desenho possa ser descrito como mais literal ou realista. A arte surreal e abstrata tem o seu lugar, mas não é muito útil para contar uma história. O artista deve saber o que se espera dele e concordar com os termos do contrato. Muitos artistas têm dificuldade para criar muitas imagens dentro do prazo limitado de um projeto. O artista deve concordar em enviar rascunhos de cada placa e estar aberto a revisões dentro de prazos razoáveis.

Lista de verificação para trabalhar com artistas:

- cheguem a um acordo sobre a remuneração e receba todas as cotações de preços por escrito;
- cheguem a um acordo quanto ao escopo do trabalho (número de imagens, as formas de trabalho e o estilo);
- estabeleça todos os prazos de entrega;
- cheguem a um acordo sobre o número de revisões;
- estabeleça um cronograma que permita tempo adequado para as revisões e especifique o porta-voz da sua equipe, que fará comentários e orientará o artista;
- cheguem a um acordo sobre os termos de direitos autorais.

Observações sobre trabalhos de arte e *design*

Se você consegue verbalizar, provavelmente consegue visualizar. Com clareza e detalhes, compartilhe exemplos, imagens e ideias sobre o conteúdo visual. Explique como você espera transmitir uma mensagem visualmente. Explique como o texto apoiará as imagens. Esteja aberto às ideias do artista e explique a visão desejada para o produto final. Lembre-se que o trabalho de arte requer tempo.

Menos é mais. Uma placa pode tornar-se visualmente poluída rapidamente. Simplifique. Por exemplo, um close de uma ave pode ter mais impacto do que um bando de pássaros. Outras dicas:

- evite fundos desordenados ou complicados para não atrapalhar ou cansar o visitante;
- o texto aparece melhor em um fundo neutro;
- uma placa precisa de certa quantidade de espaço em branco ou vazio para que o texto e a arte possam se complementar sem competir entre si;
- muitas vezes, o processo de impressão pode cortar um pedaço da imagem (na borda), eliminando parte do conteúdo visual. Peça ao artista para evitar colocar elementos visuais essenciais muito perto das bordas.

Há vezes em que as críticas podem parecer não construtivas. Reconheça quando isso acontecer e mostre o devido respeito pela habilidade e esforço do artista. Seja diplomático ao fazer críticas. Seja claro se houver algum elemento do trabalho artístico que deva mudar por algum motivo.

Reserve espaço para o texto. Uma imagem visualmente organizada precisa de espaço para o conteúdo escrito. Alguns artistas adoram preencher todos os espaços com detalhes. Uma regra geral para os artistas é a regra dos terços (1/3). Pelo menos um 1/3 do espaço da placa deve ser reservado para o texto, e 2/3 para os elementos visuais.

Trabalhe com o *designer* para selecionar os tipos de fontes que possam complementar seus objetivos de comunicação.

O texto não precisa necessariamente aparecer no formato de “caixa” ou linear. Ele pode seguir o contorno dos elementos visuais para ficar mais interessante e orgânico.

Exemplo de etapas do processo de desenvolvimento de conteúdo visual:

1. Reúna-se com a equipe criativa para discutir e apresentar ideias para a arte e o *layout* (esboços, imagens, exemplos).
2. Organize uma visita do(a) artista ao local em que os produtos serão exibidos. Isso é essencial para que ele(a) possa ver, sentir e extrair inspiração dos recursos.
3. Peça ao artista para desenvolver esboços preliminares de cada placa.
4. Digitalize (fotografe ou escaneie) o esboço da arte e distribua para a equipe criativa e outros tomadores de decisão para receber críticas construtivas.
5. Escolha o porta-voz de sua equipe criativa que ficará encarregado de comunicar os comentários e críticas da

- equipe para que o(a) artista não receba informações conflitantes. Após isso, o(a) artista trabalhará cada imagem.
6. Digitalize (fotografe ou escaneie) a arte e distribua à equipe criativa e outros tomadores de decisão para receber mais críticas construtivas. Dê a eles um prazo fixo para enviar seus comentários.
 7. Reúna-se com o(a) artista novamente para apresentar o resultado dessa última revisão.
 8. Digitalize (fotografe ou escaneie) a arte final em alta resolução.

Produção

Trabalhando com o designer gráfico

O *designer* gráfico é quem desenvolve o *layout* da placa. Ele organiza os textos e as imagens para criar *designs* atraentes e fáceis de seguir. Comunique ao *designer* uma hierarquia dos elementos mais importantes a serem destacados e deixe-o determinar a melhor forma de organizá-los visualmente.

Os *designers* gráficos costumam usar o *Photoshop* ou um programa semelhante para “limpar” a versão digitalizada do trabalho do artista. Isso significa remover qualquer “poluição” visual, ajustar o contraste, brilho, a saturação de cores e muito mais. Esse processo pode demorar muito, especialmente em projetos que tenham muitas placas. Familiarize-se com a identidade gráfica da instituição e compartilhe-a com o designer gráfico. Um bom *designer* deve estar aberto a várias etapas de revisão, pois cada placa deve ser revisada e aprovada pelos tomadores de decisão da equipe central. Receba todas as cotações de preços por escrito.

Atenção: os *designers* gráficos não são escritores ou editores de texto; eles são comunicadores visuais. Não espere que seu *designer* gráfico detecte e corrija erros ortográficos e gramaticais. Ele ou ela

vê o texto apenas como uma forma ou componente que precisa se encaixar de maneira organizada e atraente na placa.

Etapas no processo de design e layout

1. No início do ciclo do projeto, reúna-se com o *designer* gráfico para discutir o escopo do trabalho. Cheguem a um acordo sobre a remuneração e um número aceitável de revisões.
2. Escaneie ou fotografe (digitalize) o trabalho artístico com a resolução mais alta possível.
3. Para manter-se organizado(a), crie uma pasta de arquivos digitais para cada placa ou sinalização.
4. Escolha a versão digitalizada de melhor qualidade das imagens e coloque-as nas pastas digitais.
5. Peça ao *designer* gráfico para fazer todos os ajustes necessários nas imagens com o *Adobe Photoshop* ou outro *software* de edição de fotos. O *designer* deve abrir as imagens em telas digitais proporcionais ao tamanho da impressão (exemplo: 1 metro por 1 metro). Ele deve adicionar o texto sobre as imagens usando um programa como o *Adobe Illustrator* ou o *Adobe InDesign*.
6. Organize uma rodada de avaliação formativa*.
7. Envie os resultados da avaliação formativa para o *designer* gráfico fazer a revisão.
8. Mostre impressões preliminares da arte para a equipe criativa, para a aprovação final.
9. O *designer* gráfico prepara todos os arquivos para produção.

*** Avaliação formativa**

Nessa etapa, imprima uma versão preliminar e econômica de todas as placas para uma rodada de avaliação formativa. Essas placas preliminares deverão ser mostradas para a equipe criativa, visitantes e principais interessados para avaliar seu apelo visual e precisão. Exiba as placas e solicite comentários e críticas usando canetas e papéis adesivos. Essa etapa é fundamental porque muitos erros

pequenos são identificados antes da impressão final. Fazer isso economiza tempo, dinheiro e pode evitar constrangimentos.

Trabalhando com a gráfica

A gráfica transforma seus projetos em produtos. Uma boa gráfica deve ser capaz de fornecer uma cotação de preços por escrito para o projeto. Procure uma empresa capaz de imprimir placas de grande escala para ambientes ao ar livre. Escolha materiais duráveis que possam ser facilmente substituídos localmente.

Exemplo de etapas no processo de impressão

1. No início do ciclo do projeto, reúna-se com a empresa gráfica e cheguem a um acordo sobre os custos, materiais, tamanhos e prazos.
2. Revise as placas finais com a gráfica (leve o *designer* gráfico, se puder).
3. Peça para a gráfica imprimir a arte de uma placa (ou pedaço de uma) - um boneco ou um protótipo - e verifique a qualidade (tamanho, resolução, cor).
4. Uma vez aprovada a qualidade da impressão, a gráfica pode imprimir e montar todas as imagens em um suporte durável, por exemplo, PVC, alumínio ou chapa metálica.
5. Use um aerógrafo para envernizar todas as imagens.
6. Emoldure as placas (se necessário).

Nota: Dependendo do seu produto, você também pode trabalhar com um designer digital, cinegrafista, editor de som etc. Em cada caso, é importante comunicar suas intenções claramente ao seu fornecedor. Como intérprete, você deve manter o controle de todo o processo, mas deve também aproveitar as habilidades artísticas de seus fornecedores para dar ainda mais vida à sua mensagem em diferentes tipos de produtos.

Construção

A regra de quatro

A *regra dos quatro* diz respeito à noção sinérgica da combinação de quatro elementos fundamentais para a criação de uma sinalização *completa*: arte criativa; texto bem escrito; quiosque ou estrutura de apoio resistente e atraente; e localização estratégica. Cada elemento complementa o outro e deve contribuir para gerar sentimentos de harmonia, apreciação e atração.

Design e construção de quiosques

O *design* dos quiosques e das estruturas de apoio que dão suporte e, às vezes, protegem as placas, não deve ser deixado para o final. Pelo contrário, planeje-os para assegurar um efeito deliberadamente estético. O *design* do quiosque não precisa ser muito complexo, mas pode reforçar o tema geral da trilha. Por exemplo, se a trilha for sobre conservação e uso sustentável de recursos naturais, pode-se usar bambu de crescimento rápido e alta resistência. A ideia é ser tão criativo no *design* do quiosque quanto no conteúdo da placa.

No início do processo geral de *design*, determine o comprimento e a rota da trilha. Traga uma trena, estacas de madeira e um martelo para marcar o local futuro de cada placa. Faça um mapa da trilha mostrando a localização de cada placa. Organize as placas em uma ordem lógica que desenvolva a história que você pretende contar.

Tente integrar os quiosques ao seu entorno. Uma placa pequena e escondida provavelmente não será lida. Uma placa grande (algo artificial e intrusivo) pode chamar muita atenção e atrapalhar o visitante a contemplar ou apreciar a natureza. Um metro quadrado (m²) é um tamanho razoável para uma placa em uma floresta. A floresta tende a “engolir” e apagar placas pequenas demais.

Para ajudar na manutenção frequente da placa, é bom usar materiais

disponíveis localmente, como madeira e ferragens. Se os postes ou suportes forem de madeira, escolha um tipo de madeira naturalmente resistente à umidade e ao apodrecimento. Sempre que possível, esteja presente para supervisionar a construção e garantir a qualidade.

Acessibilidade

Os intérpretes devem garantir que os visitantes com deficiência (mobilidade reduzida, comunidade surda, cegos, etc) possam participar da maior quantidade possível de programas e atividades. Para isso, os produtos interpretativos não pessoais devem ser projetados para garantir acessibilidade. Por exemplo, placas ao longo de uma trilha precisam ser facilmente legíveis para pessoas em cadeiras de rodas e/ou indivíduos com baixa estatura, como crianças. As placas não podem ser muito altas nem muito baixas, e seu ângulo deve facilitar a leitura para todos. As informações também devem ser fornecidas em vários formatos de mídia ou incluir oportunidades de aprendizagem multissensorial. Você pode encontrar informações adicionais sobre acessibilidade e design universal no livro *Signs, Trails, and Wayside Exhibits: Connecting People and Places*, escrito por Gross, Zimmerman e Buchholz (2006).

Divulgação

Desde o início do processo de *design*, pense em como você divulgará seu produto interpretativo. Quando apropriado, organize uma inauguração formal de uma nova trilha. Convide jornalistas, autoridades locais, artistas, os funcionários que ajudaram a criá-la, membros da comunidade e turistas. O planejamento e construção de uma trilha interpretativa é uma grande conquista. Comemore e divulgue cada novo produto. Agradeça e reconheça o trabalho de todos que ajudaram a criar a trilha. O sentimento de orgulho dos colaboradores e de todos os interessados contribui para que se apropriem da trilha e colaborem nos projetos da instituição.

Use os perfis das redes sociais da instituição para gerar expectativa sobre a inauguração da trilha. Peça aos visitantes que avaliem sua trilha em sites de viagens populares como o *Lonely Planet* ou o *TripAdvisor*.

Conclusão

O design de produtos interpretativos é um trabalho árduo, mas também gratificante e divertido. Começar é mais fácil do que você imagina. Dê a cada projeto, por menor que seja, o melhor de si. Trabalhar em um projeto interpretativo pode ser um desafio, mas se você for capaz de desenvolver uma sinalização que funcione, provavelmente poderá elaborar produtos interpretativos bem-sucedidos. Se quiser experimentar algo um pouco menos complexo na primeira vez, considere a possibilidade de criar um folheto ou um *website* e depois aplicar o que aprendeu nesse processo a produtos cada vez mais complexos. Sua confiança aumentará à medida que acumular experiência. No final, sua maior recompensa é a certeza de que você está colaborando de forma significativa para a causa da conservação da natureza!

Ferramentas úteis

As ferramentas a seguir são úteis durante o processo de planejamento criativo:

- câmera digital de alta resolução, com cartões de memória e baterias/pilhas
- canetas ou marcadores de diversas cores
- blocos para rascunho
- gravador de áudio/vídeo
- fita métrica e trena
- pen drive



A conservação e a proteção de recursos são grandes motivadores para os intérpretes. Nessa placa a equipe enfatiza o “nós”, bem como os serviços ambientais da floresta, como alimentos, água, ar limpo e medicamentos, reforçando a importância da conservação de florestas para nossa sobrevivência. Imagem: Salustriano Costa.

Projetos interpretativos

Contexto

Em 2014, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), em parceria com o Serviço Florestal Americano (USFS) e com o apoio da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), começou a desenvolver boas práticas para o manejo da visitação por meio da implementação de projetos especiais em algumas Unidades de Conservação (UC). Essas unidades foram designadas áreas demonstrativas, onde se pretendia que as lições



A árvore Sumaúma é uma espécie emblemática da floresta amazônica. Visitantes do mundo inteiro chegam à Floresta Nacional do Tapajós para testemunhar esse exemplo vivo de força e beleza amazônica. Imagem: Jen Wade.

aprendidas fossem documentadas e compartilhadas para cultivar um ambiente de aprendizagem na instituição. O ICMBio selecionou a Floresta Nacional do Tapajós como primeira área demonstrativa. Isso ocorreu em parte pela UC se encontrar no processo de revisão de seu Plano de Manejo, mas o motivo principal foi a busca de melhores estratégias para o manejo da visitação.

Projetos interpretativos

Os projetos mostrados a seguir descrevem o processo de desenvolvimento e implementação de produtos interpretativos para a área demonstrativa da Floresta Nacional do Tapajós, bem como os resultados do projeto, as lições e boas práticas aprendidas durante o processo. Cada projeto teve seu próprio conjunto de desafios, oportunidades e níveis de complexidade, porém todos compartilharam uma rota comum durante o desenvolvimento, produção e instalação do produto.

Equipe de planejamento - funções e responsabilidades

Muitas pessoas e organizações, associações locais e o governo municipal, participaram do desenvolvimento e implementação dos projetos interpretativos na Floresta Nacional do Tapajós. Com tantas pessoas e organizações envolvidas, foi necessário definir claramente as atribuições e responsabilidades de cada um desde o início, para evitar confusões, redundâncias e ineficiências durante o projeto. Exemplos de atribuições e responsabilidades na tabela abaixo.

Participantes	Atribuições	Responsabilidades
Partes envolvidas Comunidades e negócios locais ICMBio Governo municipal USFS Universidade Estadual do Colorado	Fornecedores de conhecimento e tomada de decisões	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilizar informações para o plano interpretativo • Contribuir para a tomada de decisões
Equipe ICMBio Chefe da UC Coordenador de uso público Equipe de pesquisa Equipe de logística	Coordenação do projeto e tomada de decisões Fornecedores de conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar oportunidades interpretativas e objetivos de manejo • Fornecer conteúdos e tomar decisões durante o desenvolvimento do produto • Participar na elaboração do design, escopo e orçamento para o projeto • Ajudar a estabelecer cronogramas e marcos relevantes • Reunir-se com a equipe interpretativa conforme necessário • Contribuir com expertises técnicas específicas sobre a UC, de modo a garantir a precisão e veracidade das informações

Participantes	Atribuições	Responsabilidades
		<ul style="list-style-type: none"> • Ajudar na busca e seleção de artistas e fornecedores • Servir de ponto de contato entre a equipe local e da sede do ICMBio • Oferecer suporte logístico a equipe de interpretação e nos trabalhos de campo
<p>Equipe central (interpretação) Coordenador de uso público Especialistas do USFS e da Universidade Estadual do Colorado</p>	<p>Coordenação técnica do projeto</p> <p>Desenvolvimento e implementação do produto</p> <p>Contato com as comunidades</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Coordenar o desenvolvimento e a implementação do produto • Desenvolver e refinar o conceito do design e o texto interpretativo • Selecionar e trabalhar com fornecedores externos e artistas • Garantir que os objetivos e marcos sejam alcançados dentro do prazo pré-estabelecido • Reunir-se regularmente com as diversas equipes para comunicar o progresso do trabalho e solucionar problemas

Participantes	Atribuições	Responsabilidades
		<ul style="list-style-type: none"> • Garantir que os produtos alcancem os padrões dos projetos institucionais • Oferecer mentoria a integrantes menos experientes da equipe • Garantir a precisão das informações relativas ao produto • Trabalhar com equipes, artistas e fornecedores para manter o projeto dentro do escopo e orçamento previstos • Encontros com partes envolvidas para garantir que o produto atenda às necessidades delas

Descrição da UC

A Floresta Nacional do Tapajós fica localizada na bacia amazônica do Estado do Pará, a cerca de 40 km da cidade de Santarém (população de 350.000 habitantes) e 160 km de sua fronteira oeste é composta pelo Rio Tapajós, a cerca de 40 km no montante de sua confluência com o rio Amazonas. A UC tem 527.319 hectares de floresta tropical terrestre amazônica e é gerida pelo ICMBio, dentro do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) do Brasil. Suas instalações para uso público incluem atualmente sete

bases (guaritas) em locais de acesso, praias de estações secas e cerca de 35 km de trilhas construídas. A UC é um atrativo turístico a partir de Santarém e Alter do Chão, e tem potencial para uso extensivo de pernoite e para estadas prolongadas mediante o desenvolvimento de serviços adicionais aos visitantes.

Há mais de 20 comunidades tradicionais que residem legalmente na UC. Essas comunidades dependem do uso sustentável dos recursos da floresta como base para seus modos de vida. Oportunidades atuais e futuras relativas ao uso público incluem a pesca no Rio Tapajós, trilhas a pé ou de *mountain biking*, recreação aquática, turismo cultural voltado às comunidades e

acampamentos rústicos ou hospedagem para pernoite. Anualmente, a UC sedia a Maratona na Floresta, uma corrida de resistência extrema que conta com patrocínio e presença internacionais.



Mapa da Floresta Nacional do Tapajós e do Rio Tapajós. Grande parte dos produtos interpretativos descritos nestes projetos foram aplicados nas três comunidades mais visitadas, a saber: São Domingos, Maguari e Jamaráuk. Imagem: Salustriano Costa.

Visitantes

A UC recebe visitantes regionais, nacionais e internacionais buscando diferentes experiências na floresta. Os visitantes vêm para vivenciar a cultura local, percorrer trilhas a pé e realizar atividades recreativas (nado, pesca, piqueniques) nas praias arenosas do Rio Tapajós. A UC também recebe visitantes com fins educacionais, grande parte deles advindos de universidades regionais e locais, assim como grupos de escolas primárias que desejam aprender sobre a floresta, ecologia e o manejo florestal, e também sobre a cultura dos residentes indígenas. Além disso, a UC é uma das áreas mais pesquisadas em toda a bacia amazônica, onde cientistas de todo o país e do mundo visitam e estudam os vastos recursos da floresta.

Projetos interpretativos

O desenvolvimento dos produtos interpretativos para a UC ocorreram em três fases ou projetos:

1. (2014): Trilha Interpretativa Terra Rica
2. (2015): Centro de visitantes de Alter do Chão
3. (2016): Kit Interpretativo para os condutores locais da Floresta Nacional do Tapajós

O processo de desenvolvimento dos produtos interpretativos incluiu os seguintes componentes:

1. Planejamento do produto
2. Orçamento
3. Arte
4. Redação de texto
5. Layout e design
6. Produção
7. Construção/instalação
8. Divulgação

Trilha Interpretativa Terra Rica

O desafio

A visitação na UC ocorre mais na estação seca e inclui atividades praianas, trilhas e visitas culturais às comunidades tradicionais que habitam a floresta. Aberta há décadas pelos seringueiros, a trilha Terra Rica recebia visitas limitadas e ia somente até uma grande Sumaúma (*Ceiba pentandra*), espécie de árvore emblemática da região amazônica. Apesar da trilha original só ter 183 metros de comprimento, os visitantes precisavam ser acompanhados por condutores locais que frequentemente passavam informações incorretas e/ou inconsistentes. A gestão da UC almejava aprimorar a experiência da visita para todos os públicos, inclusive visitantes internacionais que tinham dificuldade de se comunicar com os condutores.



Entrada da Trilha Interpretativa Terra Rica, na Floresta Nacional do Tapajós. Esta trilha de 1,6 km conduz visitantes à árvore Sumaúma e por várias seringueiras. Ao longo da trilha, os visitantes são convidados a vivenciar a Amazônia por meio de seus sentidos (visão, audição, olfato) e a aprender sobre a vida na floresta. Foto: Lorena Brewster.

Produto para lidar com o desafio

Em 2014, uma equipe de especialistas interpretativos do USFS e universidades parceiras coordenou tecnicamente o processo de desenvolvimento de um plano interpretativo para a Floresta Nacional do Tapajós, junto à equipe do ICMBio e atores locais. A equipe identificou a Trilha Terra Rica como um atrativo de acesso rápido, que poderia ser expandida e autoguiada, e onde visitantes nacionais e internacionais poderiam receber mensagens-chave (bilíngues, português-ínglês) sobre a Amazônia, a floresta e suas comunidades tradicionais. Os objetivos do projeto incluíram a implementação de uma sinalização interpretativa na área da Trilha Terra Rica, a instalação de placas de boas-vindas em quatro bases de entrada (guaritas) da UC, bem como em três comunidades que já recebiam visitantes. A Terra Rica também serviria como área demonstrativa de boas práticas de uso público para o ICMBio.

Descrição do produto e objetivos

A trilha encontra-se localizada a 8 km da entrada da floresta e, em 2014, recebia manejo esporádico da equipe da UC. Levando isso em conta, a equipe optou por instalar placas de orientação e interpretativas duráveis e de fácil manutenção. A equipe criou e instalou sete placas interpretativas bilíngues (português/ínglês), cada uma delas sobre um recurso natural ou cultural significativo destacado no plano interpretativo da UC. Para resistir ao árduo clima amazônico, as placas foram feitas em material de alta qualidade (adesivo de vinil em resolução fotográfica aplicado a placas de alumínio de 7 mm de espessura) e posicionadas sob quiosques cobertos ao longo da trilha. As molduras das placas foram construídas por um artista local, em madeira resistente à água.

O processo

1. *Planejamento do produto.* Os primeiros cinco dias do projeto foram dedicados ao processo de planejamento participativo, incluindo uma visita à trilha e às comunidades, onde

foram realizados debates sobre os objetivos do projeto.

Planejamento participativo é o planejamento realizado junto às comunidades e partes envolvidas pelo projeto, em vez de um planejamento realizado *para* tais pessoas. A metodologia proporcionou à equipe de planejamento uma compreensão mais profunda e acelerada sobre o significado dos recursos a serem interpretados e a maneira em que as comunidade e partes envolvidas utilizam esses recursos. Acima de tudo, envolver esses atores desde o início ajudou a elevar sua adesão ao projeto, bem como na subsequente manutenção da trilha interpretativa.

A equipe planejou um cronograma de produção composto por três marcos distintos (30%, 60%, e 90% de conclusão). Cada marco exigiu feedback e aprovação da gestão da UC antes do trabalho prosseguir de uma fase do projeto à outra. Veja o cronograma a seguir.

Trilha Interpretativa Terra Rica (TTR) - Cronograma de produção							
Número de placas: 7							
Prazo para entrega: 6 semanas							
Atividade	Fase de produção						Marcos etapas
	Se- mana 1	Se- mana 2	Se- mana 3	Se- mana 4	Se- mana 5	Se- mana 6	
Planejamento e design (esboço)							30% concluído
Pintura (artista)							
Redação dos textos							60% concluído
Digitização e design gráfico							90% concluído
Impressão, construção / montagem, inauguração							

Este projeto ocorreu ao mesmo tempo em que o Brasil sediava a Copa do Mundo de Futebol. O evento tem grande importância cultural para os brasileiros, e a produção foi interrompida durante todas as partidas da seleção brasileira.

Marcos - Etapas

- **30% concluído** - aprovação requerida para os esboços do artista e para o texto inicial antes de passar à próxima atividade.
- **60% concluído** - aprovação requerida para a pintura digitalizada, layout gráfico e texto final antes de passar à próxima atividade.
- **90% concluído** - revisão final e última chance para detectar erros “fatais” na informação, ortografia, ou outros.
- **Lembrando: a correção de erros ou qualquer alteração na arte após a aprovação da etapa 3 (90% concluído) pode resultar em atrasos e/ou custos adicionais para o projeto.*

2. **Orçamento.** A equipe avaliou o orçamento e determinou que tinha recursos suficientes para sete placas. Esses custos incluíram:
 - contratação de um artista e um *designer* gráfico
 - impressão
 - contratação de um carpinteiro para fazer as molduras
 - material e mão de obra local para os quiosques (madeira, telhas, ferramentas, etc.)
 - instalações das placas (mão de obra, transporte de material, alimentação para os trabalhadores, etc.)
 - diversos (transporte local e outras despesas)

2. **Arte.** Os elementos artísticos das placas interpretativas são fundamentais para capturar o interesse dos visitantes. A partir do plano interpretativo da unidade, a equipe fez um *brainstorming* para um desenho conceitual incluindo esboços visuais e rascunho (texto) de mensagens para cada placa. Para isso, a equipe contratou um artista plástico com amplo conhecimento dos recursos naturais e culturais da área. Após



Integrantes da equipe de interpretação trabalhando no desenho conceitual para as placas da Trilha Terra Rica. Foto: Chris Mayer.

garantir os direitos autorais dos trabalhos para o ICMBio, a equipe forneceu ao artista os esboços conceituais e trabalhou com ele para criar conteúdos visuais e montar o cronograma de produção.

Em seguida, a equipe voltou à trilha a fim de demarcar o melhor local para cada quiosque e placa. Para posicionar as placas, a equipe considerou:

- a localização - visibilidade, iluminação e também como o entorno complementaria a mensagem interpretativa (ex: uma placa sobre o ciclo da vida foi posicionada ao lado de uma árvore em decomposição);
- o clima - minimizando exposição ao sol e à chuva;
- a altura média e o ângulo de visão dos visitantes;
- a facilidade de acesso à cada placa;



Após a equipe e o artista chegarem a um acordo sobre o foco de design, todos trabalharam juntos para criar mensagens complementando os elementos visuais com os escritos. Foto: Chris Mayer.

- a segurança do visitante - posicionamento da estrutura de modo a proteger o visitante em caso de quedas de galhos ou frutas;
- a proteção do recurso - evitando áreas naturais sensíveis.

O artista pintou diversas placas (em acrílico) mostrando a fauna, flora, cultura local e paisagens. A equipe trabalhou concomitantemente com um artesão local para criar molduras em madeira para as placas. Observação: o trabalho conjunto e próximo entre a equipe de planejamento e os artistas locais constitui uma *boa prática* para que a arte complemente a mensagem que se pretende passar, e também para que os artistas se mantenham dentro do orçamento e respeitem os prazos.

4. *Redação de texto.* A redação de um texto interpretativo é, normalmente, um processo longo que requer criatividade, paciência e autodisciplina. Para o conteúdo das mensagens (visual e escrita), a equipe buscou inspiração nas declarações de importância e nos temas e subtemas do plano interpretativo. A equipe gastou cerca de quatro semanas



Para a equipe central foi muito importante utilizar os talentos locais, especialmente durante o processo criativo. O artesão, especialista em espécies de árvores nativas, construiu as molduras das placas utilizando madeira recuperada para criar uma arte singular, ao mesmo tempo ajudando a conservar a floresta. Foto: Chris Mayer.



Esta mensagem interpretativa chama a atenção para a abundância e a diversidade da vida na Amazônia. O objetivo dessa abordagem é de incentivar os visitantes nacionais e internacionais a se conectarem com a floresta e ajudarem a cuidá-la para as futuras gerações. Foto: Chris Mayer.

refinando o texto, um processo enriquecido por discussões vigorosas quanto à abordagem correta para cada tema. Visto que as placas tinham o propósito de alcançar tanto o público nacional quanto o internacional, a equipe analisou cuidadosamente cada palavra para garantir que as mensagens bilíngues respeitassem as diferenças culturais. O exemplo acima mostra uma placa com elementos visuais e o texto (em português e inglês) a fim de proporcionar uma mensagem interpretativa bilíngue.

Subtema (a partir do plano interpretativo):

A Floresta Nacional do Tapajós é um portal para que os visitantes tenham uma experiência tangível da riqueza e diversidade que se espera encontrar no ecossistema de floresta tropical da Amazônia.

5. *Layout e design.* Uma vez concluídas as pinturas, a equipe digitalizou as imagens e contratou um designer gráfico para fazer retoques e inserir o texto final. Em seguida, a equipe mostrou toda a arte à gestão da UC para revisão e aprovação final. Juntos, eles examinaram detalhadamente cada placa para garantir que não continham erros. Após aprovada, a arte ficou pronta para produção.

6. *Produção.* A equipe contratou os serviços de uma gráfica local para manter os benefícios econômicos do projeto na própria comunidade e garantir que os produtos pudessem ser replicados ou substituídos conforme a necessidade. Ao mesmo tempo, foi importante garantir que a gráfica local fosse capaz de gerar produtos de alta qualidade e nos tipos de materiais mais adequados para a trilha. *Boa prática:* é importante escolher o serviço de impressão logo no início, pois pode ajudar o *designer* gráfico com informações (exemplo: qual o melhor formato do arquivo, resolução, etc),



Colagem da arte impressa nas placas de alumínio. A equipe optou por placas com formato redondo para imitar a natureza, já que a mesma não possui linhas totalmente retas. Foto: Chris Mayer.



Funcionários trabalhando nos retoques finais dos quiosques. A estrutura foi feita em madeira maciça nativa e recebeu um teto de telhas, visando proteger as placas contra condições climáticas rigorosas e queda de vegetação. O quiosque também é grande o suficiente para abrigar alguns visitantes durante possíveis tempestades. Foto: Chris Mayer.

e assegurar que a gráfica tenha os materiais para impressão em estoque.

7. *Construção/instalação.* A arte final foi impressa em vinil adesivo e colada em placas de alumínio redondas e pré-cortadas (de 1 metro de diâmetro). Em seguida as placas foram instaladas em molduras de madeira customizadas e, por fim, receberam duas camadas de verniz fosco para proteção contra as intempéries climáticas. As placas prontas



A cerimônia de abertura da Trilha Interpretativa Terra Rica incluiu uma caminhada inaugural e um almoço de confraternização em homenagem a todos os que participaram do projeto. Foto: Chris Mayer.

foram levadas até a Trilha Terra Rica para serem instaladas. Os funcionários de campo da UC e integrantes da comunidade trabalharam com a equipe de planejamento do projeto para instalar as placas nos quiosques previamente construídos ao longo da trilha.

8. *Divulgação.* A trilha foi inaugurada oficialmente com um churrasco para todos os que participaram do projeto. Muito trabalho foi investido em seu desenvolvimento e muitas pessoas talentosas contribuíram para a elaboração dos textos, do design e do layout das placas. Após a cerimônia de corte da faixa, integrantes da comunidade, a equipe da UC, autoridades governamentais, visitantes locais e a equipe de planejamento realizaram uma caminhada inaugural para vivenciar a nova trilha e celebrar as conquistas do projeto.

Resultados do projeto

A Trilha Interpretativa Terra Rica foi desenvolvida seguindo as orientações do plano interpretativo da Floresta Nacional do Tapajós. A trilha foi projetada como uma ferramenta de apoio à visitação e às atividades com fins educacionais das escolas locais. Como resultado, a trilha tornou-se um atrativo turístico e recurso educacional para

crianças em idade escolar. A trilha também proporciona ao público um fácil acesso à floresta, contribuindo para que os visitantes apreciem mais a biodiversidade amazônica.

Desde o início do projeto, a equipe buscou contribuições e suporte de partes envolvidas locais para garantir adesão e apoio contínuo. A equipe contratou artistas locais para produzir placas interpretativas de qualidade que pudessem ser facilmente reparadas ou substituídas. Na condição de projeto em área demonstrativa, a Trilha Interpretativa Terra Rica proporcionou à equipe da Unidade importantes ferramentas de desenvolvimento de interpretação e experiências que poderão servir de exemplo para outras áreas protegidas.

Observações, lições aprendidas e boas práticas

- Criar mensagens interpretativas (visuais e por escrito) para públicos culturalmente diversos foi desafiante. Por exemplo, certos objetos, animais e plantas são dotados de significados simbólicos diferentes para pessoas de diferentes comunidades, regiões e países. Uma palavra, expressão ou imagem inofensiva para um público pode ser ofensiva para outros, portanto, ter uma equipe multicultural e bilíngue foi crucial para desenvolver mensagens eficazes nos diferentes idiomas.
 - *Boa prática:* peça ajuda de um falante/escritor nativo para revisar tudo, para assegurar que as mensagens (texto e os elementos visuais) respeitem a cultura local.
- Reunir e verificar informações (mapas, dados sobre flora e fauna, detalhes sobre comunidades, etc.) para as placas levou mais tempo que o esperado.
 - *Boa prática:* trabalhe com uma equipe local para identificar, coletar e verificar informações no início (ou antes) do processo.
- Trabalhar com artistas locais foi muito recompensador, contudo, o processo foi bastante desafiador.

- *Boa prática:* seja paciente e persistente, para garantir que o trabalho do artista transmita as mensagens que a equipe espera, ao mesmo tempo em que reflita sua própria visão artística.
- Reconhecer a função das principais pessoas, organizações e apoiadores envolvidos no projeto foi crucial para manter relacionamentos positivos e garantir o sucesso e continuidade do projeto como um todo.
 - *Boas práticas:* exibir os logotipos das organizações apoiadoras nos produtos e locais estratégicos, como uma placa no início de uma trilha ou na entrada de um centro de visitantes. Reconhecer indivíduos e organizações apoiadores nos relatórios sobre o projeto.

Centro de Atendimento ao Turista (CAT) de Alter do Chão



Entrada para o Centro de Atendimento ao Turista (CAT) em Alter do Chão, uma pequena vila próxima à Floresta Nacional do Tapajós. Alter do Chão é conhecida por suas praias de areias brancas, festivais, entardeceres espetaculares e hospitalidade calorosa. Foto: Lorena Brewster.

Histórico

Milhares de turistas regionais, nacionais e internacionais viajam anualmente até as proximidades de Alter do Chão para aproveitar suas praias e festivais. Até 2016, quando a exposição interpretativa chegou ao Centro de Atendimento ao Turista (CAT), muitos não sabiam que

a uma curta distância de carro eles poderiam visitar uma das florestas tropicais mais espetaculares do mundo. A equipe da UC percebeu que o CAT era o lugar ideal para promover a visitação da floresta. Sua parceira, a Cooperativa Mista da Floresta Nacional do Tapajós (COOMFLONA), considerou o local também ideal para promover suas comunidades e seus produtos. A ideia de desenvolver uma exposição interpretativa para o CAT atraiu o interesse de outras entidades vinculadas ao turismo na região, da unidade de conservação vizinha (Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns) que buscava aumentar a visitação às suas comunidades, e do governo municipal interessado em fomentar o turismo e a economia regionais.

O desafio

A equipe responsável pelo projeto da Trilha Terra Rica foi reorganizada para a elaboração do projeto de uma exposição interpretativa para o CAT. Em contraste ao projeto da trilha, no qual a equipe trabalhou mais com funcionários da UC durante o processo de produção, no projeto do CAT as interações frequentes incluíram mais quatro partes interessadas (representantes da COOMFLONA, da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, da Associação de Artesãos de Alter do Chão e do governo municipal). A equipe tinha o desafio de criar produtos interpretativos que pudessem informar, inspirar e refletir uma visão comum para todos esses atores.

Descrição do produto e objetivos

A partir do plano interpretativo da UC, a equipe desenvolveu e instalou nove painéis interpretativos bilíngues, uma exposição interativa e vários elementos artísticos (inclusive movelaria) no CAT de Alter do Chão. A equipe também instalou sinalização de orientação para dar as boas-vindas e para informar os visitantes. A meta mais abrangente do projeto foi aumentar a visitação à UC e à vizinha Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, visando conectar os visitantes aos recursos naturais e culturais da região.

O processo

1. *Planejamento do produto.* A equipe se reuniu com as partes interessadas para definir os objetivos e metas específicas para o projeto, confirmar os públicos-alvo e para determinar o tipo de apoio que as organizações parceiras poderiam oferecer. A equipe precisou entender claramente quais eram as necessidades e expectativas de cada um, assim como estabelecer um cronograma para finalizar o produto. Organização e comunicação foram fundamentais para manter a satisfação do grupo e assegurar a continuidade de sua participação e apoio. A equipe aderiu ao seguinte cronograma de produção para finalizar o projeto a tempo e dentro do orçamento.



A equipe interpretativa trabalhou com o pessoal do ICMBio e representantes de associações locais, de negócios, do município e de comunidades para identificar uma visão comum para as exposições interpretativas. Foto: Chris Mayer.

Alter do Chão - CAT – Cronograma					
Número de sinalizações: 10					
Prazo de entrega: 4 semanas					
Atividade	Fase de produção				Marcos etapas
	Semana 1	Semana 2	Semana 3	Semana 4	
Planejamento e design (esboço)					30% concluído
Pintura (artista)					
Redação dos textos					60% concluído
Digitalização e <i>design</i> gráfico					90% concluído
Impressão, construção / montagem, inauguração					

As datas de entrega para este projeto estavam apertadas, portanto, a equipe digitalizou as imagens e o designer gráfico preparou cada arte à medida em que o artista terminava cada pintura.



Para reforçar o tema “rio”, a equipe contratou um carpinteiro para construir estantes com design e materiais de canoas típicas da região. Foto: Chris Mayer.

Nota: Ao mesmo tempo em que a equipe planejava os produtos interpretativos para o CAT, o município de Santarém estava implementando o Plano Encontro (fazendo uma referência ao encontro emblemático dos rios Amazonas e Tapajós). A meta principal do plano era promover o turismo da região onde estavam Alter do Chão, a Floresta Nacional do Tapajós, e as cidades, vilarejos e áreas protegidas vizinhas. O plano interpretativo da Floresta Nacional do Tapajós já tinha identificado o rio Tapajós como um elo vital entre todas as comunidades da área, portanto, a equipe do projeto resolveu usar o tema para ressaltar os ecossistemas do rio Tapajós e o seu significado para as comunidades ribeirinhas.

2. *Orçamento.* Uma vez acordado o tema “rio”, a equipe avaliou o orçamento e concluiu que possuía fundos suficientes para dez produtos interpretativos (painéis com adesivo em vinil) e elementos decorativos relacionados com o tema. Esses custos incluíram:
 - contratação de um artista plástico e de um designer gráfico

- impressão
 - contratação de um marceneiro para construir prateleiras e molduras para as exposições
 - materiais de construção
 - instalação no local (mão de obra, transporte de material, alimentação etc.)
 - despesas gerais (transporte local da equipe e outros)
3. *Arte.* Como no projeto da Trilha Terra Rica, a equipe achou importante utilizar artistas locais tanto para imprimir à arte um caráter único e local, como para gerar benefícios econômicos à região. A equipe contratou os mesmos artistas que contribuíram para o projeto da trilha por terem desenvolvido produtos de alta qualidade com custos razoáveis, e por estarem familiarizados com as preferências da equipe. Além disso, a equipe queria que os produtos fossem visualmente consistentes para reforçar a identidade do órgão (ICMBio) e para construir conexões entre os visitantes do CAT e as áreas protegidas vizinhas.
4. *Redação de texto.* A escrita pode ter um significado cultural que vai além da intenção dos autores, daí a importância de incluir os tomadores de decisões em alguns momentos durante o processo de redação do texto. Se por um lado a contribuição das partes interessadas foi fundamental para garantir que certos aspectos do texto fossem precisos, por outro, foi importante para a equipe de redação oferecer uma visão, um contexto e até mesmo defender certas escolhas de palavras e estruturação de frases. Como esperado, as revisões de texto realizadas por um grupo tão grande atrasou o processo e gerou algumas diferenças de opinião que a equipe teve que levar em consideração.



Essa exposição interativa funciona como um convite para os visitantes conhecerem o rio Tapajós, visitarem as comunidades ribeirinhas e vivenciarem tudo que o rio e a floresta têm a oferecer, como a canoagem, pesca e observação da vida selvagem. A mensagem no topo da exposição, “Amazônia Sempre Verde”, visa inspirar os visitantes a protegerem a Amazônia e todos os seus ecossistemas e comunidades. A exposição foi planejada para diversão e como uma oportunidade fotográfica, possibilitando a formação de memórias duradouras que os visitantes poderiam compartilhar com amigos e familiares. Foto: Ryan Finchum.

Exemplo de texto criado para o CAT: Como identificado no plano interpretativo da Floresta Nacional do Tapajós, o rio Tapajós dá passagem à floresta, mantém o seu rico ecossistema e é uma importante fonte de alimentação e recreação para as comunidades locais. Levando isto em conta, a equipe criou painéis expositivos que refletiram estes subtemas.

5. *Layout e design.* A medida que o artista concluiu cada pintura, a equipe digitalizou (em alta resolução) a imagem e levou para o *designer* gráfico retocar e inserir a versão final do texto bilíngue. A equipe garantiu a qualidade do produto ao trabalhar com o artista em cada passo do processo. Uma vez



O intérprete e o designer gráfico preparam a arte para a revisão final. O sucesso do projeto dependeu em grande parte da atenção da equipe a cada detalhe durante esta etapa. Foto: Lorena Brewster.

concluído o trabalho artístico, a arte foi apresentada à equipe gestora da unidade para revisão final e aprovação.

6. *Produção.* Os serviços de impressão foram fornecidos pela mesma empresa que trabalhou no projeto da trilha Terra Rica. O profissional da gráfica estava familiarizado com o tipo de trabalho e os requerimentos da equipe, e cobrou um preço razoável.
7. *Construção/instalação:* Após a gráfica imprimir a arte em vinil e colar nas placas de alumínio, elas foram levadas até o local para serem instaladas. Algumas placas precisaram de molduras de madeira e revestimento de proteção, outras de estruturas metálicas de suporte, e ainda outras de cabos de suspensão resistentes. A equipe também contratou um artesão para construir estantes a partir de canoas, reforçando o tema “rio”. Outros elementos artísticos incluíram uma caixa de som (tocando música regional ao fundo) e plantas para decoração fornecidas por uma empresa local.
8. *Divulgação.* A equipe celebrou o sucesso da instalação dos produtos interpretativos no CAT com todos os envolvidos



Trabalhadores locais e especialistas em trabalho com metal/madeira contribuíram durante a fase de montagem, uma vez que havia uma série de desafios que precisavam ser resolvidos para assegurar a suspensão e estabilidade de elementos de exposição de grande porte. Como em todas as fases do processo interpretativo, a compreensão dos tipos de visitantes para quem o produto interpretativo foi dirigido ajudou a ajustar o tipo de montagem realizada, levando em conta o potencial de vandalismo e o manuseio frequente e inadvertido do público infantil. Foto: Lorena Brewster.

no projeto, incluindo funcionários de unidades e seus familiares, artistas, voluntários, políticos locais e parceiros patrocinadores. Convidar os políticos locais para participar da cerimônia inaugural da exposição foi importante para gerar adesão e apoio adicional para o CAT.

Resultados do projeto

Seguindo o plano interpretativo da Floresta Nacional do Tapajós, a equipe desenvolveu e instalou uma exposição interpretativa que apoia o ICMBio na tarefa de conectar o público brasileiro às suas unidades de conservação. A equipe conseguiu conectar os produtos interpretativos ao *Plano Encontro*, criando elos com a terminologia



Dezenas de pessoas vieram celebrar o lançamento da exposição interpretativa no CAT. A exposição destacou o papel significativo que o ICMBio desempenha na proteção da floresta Amazônica. Foto: Chris Mayer.

e características do turismo regional, possibilitando ao CAT receber mais apoio das autoridades locais.

Durante todo o projeto, houveram ricas discussões entre a equipe do projeto e alguns participantes da equipe técnica ampliada de interpretação ambiental do ICMBio. Eles colaboraram durante o processo de desenvolvimento de elementos gráficos, texto e do layout dos produtos interpretativos. O projeto também envolveu parceiros locais, os gestores da Floresta Nacional do Tapajós e da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns e representantes do município de Santarém, da associação local de artesãos e da COOMFLONA.

Trabalhar com um grande número de parceiros foi desafiante, porém rendeu melhores produtos, ajudou a equipe a alavancar recursos, expandiu oportunidades e melhorou as habilidades da equipe para gerenciar projetos futuros.

Observações, lições aprendidas e boas práticas do projeto

- Foi importante identificar logo no início do projeto quem eram as partes interessadas e quais seriam os seus papéis no processo.
- O processo interpretativo foi complicado e demorado.

- *Boa prática:* Calcule tempo suficiente para a pesquisa e incubação de ideias, principalmente quando envolve muitos parceiros.
- Texto e arte muitas vezes foi uma questão de gosto e opinião.
 - *Boa prática:* Esteja preparado para explicar ou defender suas decisões.
- Comunicação e tempo gastos com os artistas foram essenciais para o sucesso do projeto.
 - *Boa prática:* Mantenha abertos os canais de comunicação com os artistas desde o início e até a conclusão do projeto.
- Como a Floresta Nacional do Tapajós foi designada como área demonstrativa, a capacitação do gestor foi elemento-chave durante todo o processo.
- A complexidade do projeto gerou alguns empecilhos e desgaste para a equipe.
 - *Boas práticas:* Mantenha uma postura positiva e esteja pronto para resolver problemas que possam surgir. Identifique potenciais empecilhos no início do projeto para que a equipe crie planos de contingência.
- Fortalecer as relações com parceiros amplia os resultados do projeto e atrai mais apoio.
 - *Boa prática:* Compartilhe a visão geral do projeto com todos desde o início e ofereça aos interessados oportunidades para que contribuam até o final.
- Uma boa apresentação ou exposição interpretativa pode ajudar muito na promoção de trabalhos futuros dos artistas locais que participam do projeto.
 - *Boa prática:* Sempre que possível, reconheça e promova os artistas locais envolvidos no projeto. No CAT, a equipe criou oportunidades nas próprias exposições (por exemplo: colocando a foto e uma breve mensagem do pintor ao lado do painel mais visível).
- Todos os produtos, grandes ou pequenos, requerem muita atenção.

- *Boa prática:* Não subestime a quantidade de trabalho e o cuidado que até mesmo uma pequena placa possa exigir. *Não esqueça: você é o responsável pelos resultados e qualidade de seu produto.*
- O projeto precisou de muito trabalho com ferramentas de construção.
 - *Boa prática:* Sempre tenha a mão um kit de ferramentas (inclusive fita métrica, uma boa câmera, furadeira sem fio, etc.).

Kit Interpretativo para Condutores Comunitários - Floresta Nacional do Tapajós



Kit interpretativo para condutores da Floresta Nacional do Tapajós. Esses kits (ou pacotes) incluíram placas interpretativas circulares (bilíngues) para melhorar a comunicação e fortalecer os laços entres os condutores e os visitantes da floresta. Imagem: Salustriano Costa.

Histórico

Em 2016, o incremento na visitação da Floresta Nacional do Tapajós não tinha correspondido a um aumento de pessoal do ICMBio para supervisionar e oferecer apoio aos visitantes e às atividades relacionadas à visitação. Muito embora a UC tivesse pessoal que supervisionava as atividades de uso público e educação ambiental, eram os condutores de visitantes que serviam de principal interface

entre os visitantes e a floresta. Os condutores eram a “voz” da floresta e, em muitos aspectos, a voz informal da instituição. Muitos dos condutores tinham experiência no que se refere ao trabalho de condutor e à interação com os visitantes. No entanto, o número de condutores havia crescido nos anos anteriores e muitos não estavam preparados para oferecer experiências de qualidade aos visitantes.

Os desafios

Alguns dos desafios na gestão da visita da UC são pontos em comum em áreas protegidas em toda a América Latina, tais como a falta de pessoal qualificado, vastas áreas sem presença institucional, poucos programas e serviços interpretativos e pouco engajamento comunitário ou apoio para a conservação. Em termos de condução de visitantes dentro da unidade, os desafios incluíam: comunicação limitada entre o condutor e o visitante, principalmente quando falavam idiomas diferentes; falta de uniformização das mensagens entre os condutores; falta de apoio ou diretrizes institucionais com relação a temas importantes na comunicação com os visitantes; e falta de apoio para os condutores novatos.

Produto para lidar com os desafios

A mesma equipe que trabalhou nos projetos da trilha Terra Rica e do CAT foi reunida para criar produtos interpretativos a fim de lidar com esses desafios. A equipe criou um kit interpretativo (uma bolsa contendo placas sobre temas levantados anteriormente no plano interpretativo da UC) para apoiar o trabalho e dos condutores comunitários. A ferramenta foi desenvolvida para fornecer informações consistentes de interpretação visando melhorar a qualidade geral da experiência de visita. Esperava-se que os condutores informassem aos visitantes que eles estavam dentro de uma área protegida, e sobre como o ICMBio e as comunidades trabalham conjuntamente para protegê-la. Além disso, a gestão queria estimular os condutores a compartilharem seus conhecimentos sobre os recursos para as escolas locais,

visando sensibilizar as crianças a respeito da UC e seus programas educacionais.

Descrição do produto e objetivos

O kit interpretativo continha uma bolsa de vinil robusta e resistente à água e 12 placas interpretativas portáteis que os condutores poderiam mostrar aos visitantes durante passeios pela floresta, pelo rio e nas comunidades locais. Para lidar com os desafios de comunicação com diversos públicos, a equipe criou mensagens interpretativas bilíngues (português/inglês) para ressaltar certos aspectos da floresta, do rio e da vida comunitária. As mensagens foram desenvolvidas para ampliar o conhecimento dos condutores a respeito de assuntos importantes para a gestão da UC, assim como para revelar recursos que o visitante nem sempre consegue enxergar durante a visita, tais como animais ariscos e como a floresta e o rio se alteram durante as estações climáticas. Até mesmo sob intempéries, os condutores poderiam utilizar o kit interpretativo para oferecer aos visitantes um roteiro virtual da floresta. Em resumo, o kit interpretativo seria uma ferramenta a mais de trabalho para ajudar os condutores a se conectarem com seu público, enriquecerem as experiências de visita na UC e aumentarem a satisfação do visitante.

Vale ressaltar que muito embora tenha sido concebido para ajudar na comunicação pessoal entre os condutores e os visitantes, o kit interpretativo era uma ferramenta de interpretação **não pessoal**. Caso necessário, o conteúdo do kit poderia funcionar perfeitamente como uma exposição independente para uma escola ou um centro de visitantes.

O processo

1. *Planejamento do produto.* A fase inicial de planejamento incluiu visitas à UC e conversas com condutores, membros da comunidade local, com o gestor da unidade e alguns



A equipe interpretativa se reuniu com o pessoal do ICMBio e o artista para debater ideias para o kit interpretativo. Foto: Ryan Finchum.

participantes da equipe técnica ampliada de interpretação ambiental do ICMBio. A equipe então determinou que um kit interpretativo seria o produto mais adequado para lidar com os vários desafios do projeto.

A equipe estabeleceu o seguinte cronograma para a realização do projeto.

2. *Orçamento.* A equipe avaliou que o orçamento era suficiente para a montagem de 17 kits. Os custos incluíram:
 - A contratação do artista e do designer gráfico
 - Impressão e montagem das 12 placas em PVC. Cada placa levou dois adesivos—sendo de um lado com texto em português e do outro com texto em inglês
 - Confeção das bolsas, incluindo o design, material e a mão de obra
 - Diversos (transporte local e outras despesas eventuais)

3. *Arte.* Durante a sessão inicial de debate de ideias, a equipe se focou em atributos intangíveis poderosos, tais como sobrevivência, proteção e conexão identificados no plano interpretativo da unidade. A equipe contratou o mesmo

Kit Interpretativo – Cronograma Número de placas: 12 Prazo de entrega: 4 semanas					
Atividade	Fase de produção				Marcos etapas
	Semana 1	Semana 2	Semana 3	Semana 4	
Planejamento e design (esboço)					30% concluído
Pintura (artista)					
Redação dos textos					60% concluído
Digitalização e design gráfico					90% concluído
Impressão, construção / montagem, inauguração					

Como nos projetos anteriores, o prazo para este projeto foi muito apertado de forma que a equipe e o designer gráfico trabalharam concomitantemente com o artista plástico à medida em que ele terminava as pinturas.



A Floresta Amazônica contém muitos segredos medicinais que são compreendidos apenas pelos povos que a habitam. No entanto, esses segredos estão desaparecendo juntamente com as gerações mais antigas. Nesta placa, os intérpretes chamaram a atenção para a proteção dos recursos da floresta e da salvaguarda do conhecimento tradicional para toda a humanidade, presente e futura. Imagem: Salustriano Costa.

artista dos dois últimos projetos e o convidou a participar das discussões iniciais. Essa estratégia foi muito útil, uma vez que ele foi capaz de oferecer sugestões e esboçar conceitos visuais durante as conversas. Os esboços iniciais foram enviados para alguns participantes da equipe técnica ampliada de interpretação ambiental do ICMBIO e para parceiros dos EUA para *feedback*. Esse foi um projeto complexo que demandou um grande esforço do artista plástico e muita coordenação nos bastidores. A equipe teve pouco tempo para entregar os produtos, o que exigiu do artista pintar 12 placas em somente três semanas. Essa demanda colocou muita pressão sobre o artista e exigiu uma coordenação intensa de parte da equipe.

4. *Redação de texto.* A equipe levou aproximadamente três semanas para redigir e refinar o texto. Uma vez que os condutores iriam utilizar as placas para interagir diretamente com o visitante, a equipe entendeu que essa



O látex é um recurso econômico importante para as comunidades que vivem dentro e em volta da Unidade. Com esta placa, os intérpretes deram ênfase ao processo laborioso de extração do látex, do tratamento para transformá-lo em borracha natural e de abastecimento do mercado. Imagem: Salustriano Costa.

seria a oportunidade ideal para promover as comunidades e suas formas de vida, incentivando também os visitantes a contribuir para a conservação e proteção da floresta.

Um subtema identificado no plano interpretativo da UC inspirou várias das mensagens sobre as comunidades e seu modo de vida. Seguem alguns exemplos:

Subtema (do plano interpretativo):

As comunidades tradicionais na Floresta Nacional do Tapajós têm uma compreensão inigualável dos recursos florestais que as sustentam diariamente e sua ligação com a floresta está enraizada em sua cultura.

A capacitação foi um componente essencial do projeto, e para isso a equipe manteve vários servidores do ICMBio envolvidos em cada passo do processo. A estratégia lhes permitiu oferecer suas próprias contribuições para a redação e edição das mensagens interpretativas assim como aprender a respeito dos aspectos-chave do processo produtivo.

5. *Layout e design.* Para obedecer ao cronograma, a equipe não esperou até que as 12 pinturas ficassem prontas ao mesmo tempo para entregá-las ao *designer* gráfico. Em vez disso, a equipe fotografou e digitalizou as pinturas assim que o artista terminava cada uma. Com isso, o *designer* gráfico pôde adiantar seu trabalho de preparar a arte para impressão.
6. *Produção.* Ao contrário de placas afixadas em postes, quiosques ou outras estruturas, as placas do kit interpretativo eram portáteis e, por isso, o kit precisava ser leve e fácil de carregar. Com isso em mente, a equipe trabalhou com o profissional da gráfica local para encontrar um formato e materiais que fossem leves, duradouros e econômicos. Assim que o *designer* gráfico completou seu trabalho, a arte final foi impressa e colada sobre as placas circulares de PVC.
7. *Construção/Montagem.* Uma companhia especializada criou uma bolsa resistente à água, personalizada, que os condutores poderiam facilmente carregar para o campo. Uma vez prontas as bolsas e as placas, a equipe montou os kits interpretativos e os entregou ao gestor da UC para distribuição nas comunidades locais.

Nota: Os condutores, principalmente os novatos, precisaram de um curso para capacitação em interpretação e de uma oficina sobre como usar o kit interpretativo. Essas atividades educativas, ministradas pela equipe do projeto, permitiram que os usuários do kit trabalhassem de forma cooperativa, aprendessem técnicas de interpretação e se “apropriassem” da ferramenta.

8. *Divulgação.* O curso e a oficina reuniram os condutores experientes e os iniciantes para um intercâmbio de informações e ideias. Durante as atividades, os condutores



As capacitações em interpretação foram importantes para os guias locais aprenderem as técnicas de interpretação e o como usar o kit interpretativo. Foto: Micah Gregory.

trocaram ideias sobre as placas e como incorporá-las em seu trabalho. No final, os participantes, instrutores e parceiros almoçaram juntos para celebrar os êxitos do projeto e fortalecer os laços de amizade e cooperação.

Resultados do projeto

Trabalhando com condutores da Floresta Nacional do Tapajós e outras partes interessadas, a equipe de planejamento criou, produziu e entregou kits interpretativos de alta qualidade para os condutores, e os capacitou em interpretação e uso da ferramenta. O envolvimento e as contribuições da equipe técnica ampliada de interpretação ambiental do ICMBio foram muito úteis para estratégia de capacitação na área demonstrativa. Esse projeto demonstrou que a participação do ICMBio no desenvolvimento do kit interpretativo foi empoderador e sustentável.



Quase 50 condutores oriundos de comunidades locais participaram da oficina. Após, eles participaram de uma confraternização para celebrar sua nova ferramenta de comunicação e os benefícios que traria para as suas atividades, famílias e comunidades. Foto: Lorena Brewster.

Observações, lições aprendidas e boas práticas

As observações e lições mais importantes aprendidas durante o desenvolvimento e produção do kit interpretativo foram:

- A sessão inicial de *brainstorming* com o pessoal do ICMBio foi útil para o desenvolvimento de um produto coeso e consistente com o plano interpretativo. A equipe de planejamento precisava de mais ideias para as mensagens e o uso desta estratégia foi um excelente pontapé inicial.
- Trabalhar em contato com os artistas locais ajudou a garantir a qualidade do produto e sua entrega dentro do prazo. A equipe visitou o pintor em dias alternados para motivá-lo e ajudá-lo a transmitir suas mensagens visuais.

- *Boa prática:* Os artistas foram flexíveis no trabalho com a equipe. Por exemplo, o artista gráfico concordou em preparar a arte parceladamente, ao invés de toda de uma vez. Isso *não* acontece em todos os projetos. No seu projeto, pergunte aos artistas o quão flexíveis eles podem ser e como vocês poderão trabalhar juntos para garantir produtos de qualidade e em conformidade com o cronograma e orçamento do projeto.
- Trabalhar com o chefe da UC durante todo o projeto foi extremamente útil. O servidor não tinha recebido treinamento interpretativo, porém encarou o projeto como uma oportunidade de desenvolvimento profissional.
- A equipe envolveu algumas comunidades da UC durante a implementação dos produtos anteriores (Trilha Interpretativa e o CAT) e por isso foi capaz de considerar tópicos que eram relevantes para os comunitários. No entanto, se a equipe tivesse tido mais tempo e apoio logístico, teria solicitado uma maior contribuição dos comunitários.
 - *Boa prática:* Inclua tempo suficiente para envolver os condutores e outros atores no desenvolvimento de mensagens interpretativas. Isto vai ajudar a avaliar o interesse dos usuários do produto e a solicitar ideias adicionais para sinalizações.

Conclusão

Entre 2014 e 2016, a área demonstrativa na Floresta Nacional do Tapajós implementou três projetos interpretativos: a Trilha Interpretativa Terra Rica, a exposição interpretativa no Centro de Atendimento ao Turista de Alter do Chão e o Kit Interpretativo para condutores locais. Os três projetos funcionaram como oportunidades de capacitação e permitiram que novas metodologias e tecnologias fossem testadas no âmbito do programa de áreas demonstrativas. Como já mencionado neste guia, não existem dois projetos iguais e esses exemplos ilustram como três projetos, todos da mesma unidade

de conservação, apresentaram aos intérpretes desafios que exigiram soluções únicas e geraram diferentes oportunidades de aprendizado. Durante os três projetos, os intérpretes alavancaram os recursos disponíveis e dependeram de habilidades e experiências coletivas para criar produtos eficazes e construir parcerias. Ao trabalhar juntos, intérpretes, comunidades, parceiros e a equipe gestora da área protegida criaram produtos interpretativos que resistirão à prova do tempo, ajudarão a conectar os visitantes à UC e trarão inspiração aos que lutam pela sobrevivência da Floresta Amazônica.

Os três projetos apresentados demonstram os desafios inerentes ao processo de produção de materiais interpretativos. Sinalizações, vídeos, programas de áudio e exposições são produtos interpretativos totalmente diferentes entre si, porém o processo de planejamento e de produção destes possuem muitos componentes em comum. O capítulo final oferece algumas dicas adicionais e palavras de estímulo.

Realidade e palavras de estímulo

Introdução

A perda contínua dos ambientes naturais, as mudanças climáticas as espécies invasoras, o crescimento populacional e a expansão da fronteira agrícola ameaçam a biodiversidade e a integridade das áreas protegidas do nosso planeta. Nunca antes houve tanta necessidade de uma comunicação clara a respeito dos desafios e ações necessárias para enfrentar este cenário. No final das contas, apenas protegemos o que conhecemos, compreendemos e que nos importa. O papel do intérprete ambiental é de inspirar ações para defesa da natureza e da cultura. A qualidade ou mera existência de vida no planeta poderá depender da habilidade de intérpretes (como você) de informar, provocar e inspirar demais pessoas.

Verdades da interpretação

Você tem uma missão importante, porém também terá que enfrentar uma série de desafios que poderão ser superados por meio da compreensão, da aceitação e da perseverança.

A maior parte dos intérpretes jamais terá toda a ajuda que precisa.

Faça interpretação com uma equipe pequena, porém dedicada. Pense pequeno, porém com arrojo. Caso você seja o único intérprete da sua área protegida, assuma a missão de forma modesta, porém nobre. Crie estratégias para introduzir a sua interpretação não pessoal de forma a gerar o maior impacto possível. Com um computador, uma impressora e uma laminadora, muito pode ser feito para oferecer serviços de informação básicos aos visitantes. Lembre-se: pouco se recebe, se pouco se pede. Alguém na sua comunidade poderá saber desenhar, pintar, trabalhar com madeira ou metal e construir coisas. Crie parcerias e colaborações com pessoas ou organizações que compartilhem de sua paixão e preocupação com a integridade do meio ambiente. Juntos podemos realizar muitas coisas.

A maioria dos intérpretes jamais terá todo o dinheiro que precisa.

A falta de apoio financeiro não pode servir de desculpa para que um intérprete não faça seu trabalho. Ao invés de ver o financiamento como uma limitação, considere essa questão como um desafio que te leve a colaborar, improvisar e a utilizar a sua criatividade. Muitos bons painéis interpretativos são impressos e laminados em uma impressora de escritório. As redes sociais abrem toda uma série de oportunidades interpretativas economicamente viáveis. Dê outros usos a materiais. Você poderá ter pouco orçamento, mas nunca lhe faltará criatividade e nem a força de vontade para trabalhar com afinco.

A maioria dos intérpretes não terá acesso a todos os materiais que precisa.

Placas em áreas abertas estão sujeitas aos efeitos do sol e da chuva e à variação de temperatura. Precisarão ser substituídas em algum momento. As antigas sinalizações “morrem”, porém as suas mensagens poderão ser retransmitidas através da criação de novos suportes de comunicação.

Em última instância, o recurso mais importante para que uma interpretação de qualidade aconteça se chama *liderança eficaz*.

O caminho a ser seguido pela liderança de modo a gerar o desenvolvimento do produto interpretativo.

Em seu livro *Leadership* (tradução “*Liderança*” (1978)), James MacGregor Burns introduz o conceito de liderança transformacional. Ele defende que a transformação ocorre quando os líderes e seus seguidores se estimulam mutuamente para atingir níveis mais altos de moralidade e de motivação. O *website* para o desenvolvimento de carreiras (*mindtools.com*) sintetizou o conceito sobre Burns de liderança transformacional, que inclui os seguintes princípios:

1. Criação de uma visão inspiradora do futuro
2. Motivação das pessoas para que “vistam a camisa” e trabalhem com esta visão
3. A gestão do trabalho com esta visão
4. Construção de relações cada vez mais fortes e baseadas na confiança em seu pessoal

Os princípios de liderança são essenciais quando se trata de estimular que um grupo de pessoas siga uma visão, especialmente quando se trata de uma visão inovadora que acarretará transformações institucionais. Dado que a interpretação ainda está incipiente no Brasil, a liderança será crucial para ajudar a impulsionar esse campo a fim de assegurar que se torne uma ferramenta respeitada para alcançar metas de conservação.

A seguir, incluímos dicas específicas para a implementação dos princípios de liderança no desenvolvimento dos produtos interpretativos:

1. Desenvolva uma visão clara do projeto respondendo as seguintes perguntas: Que aspecto terá? Como servirá? Por que as pessoas iriam contribuir ou colaborar?

2. Compartilhe a sua visão com todos aqueles que possam ajudar no seu projeto. O trabalho artístico e o texto preliminar adiantam bastante no compartilhamento da sua visão e para inspirar colaborações e contribuições.
3. Aceite cada contribuição, por menor ou maior que seja, com gratidão. Seja por meio de uma correção gramatical ou confirmação de um fato, muitas pessoas poderão contribuir para o sucesso do projeto. Quando funcionários da instituição e membros da comunidade se sentem valorizados por estarem contribuindo para o seu projeto, eles se tornam seus “proprietários.” Isso é importante quando se trata de considerar a sustentabilidade do mesmo. Um projeto sem proprietários não tem quem dele cuide.
4. Compartilhe sucessos. Celebre a finalização de cada projeto, por menor que seja. Promova o produto e tente gerar entusiasmo e interesse. Mantenha uma lista dos que contribuíram, e uma vez finalizado o projeto, envie fotos e agradecimentos. Convide todos aqueles que contribuíram para qualquer inauguração ou cerimônia.

Conclusão

O fato de você trabalhar em uma área protegida demonstra que você se dedica à proteção da biodiversidade. Não será fácil criar suportes de comunicação interpretativos, mas como diz o velho ditado, “quem não arrisca não petisca”. Tente. Erros são inevitáveis, porém, você terá sucesso se você se centrar na qualidade e prestar muita atenção aos detalhes. Esta é a sua oportunidade para criar uma contribuição significativa para a conservação dos recursos naturais ou culturais só encontrados no seu país. As futuras gerações lhe agradecerão por seus esforços. Você consegue!

Apêndice I. Referências

BURNS, J. M. Transformative Leadership. New York: Grove Press, 1978.

FINCHUM, R.; MAYER, C.; BREWSTER, L. Terra Rica Interpretive Trail: A Component of the Tapajós National Forest Public Use Demonstration Site Project Report and Recommendations. Tapajós National Forest e Santarem: 2014.

ICMBIO. Missão. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/missao1>>. Acesso em: 2019.

GROSS, M.; ZIMMERMAN, R.; BUCHHOLZ, J. Signs, Trails, and Wayside Exhibits: Connecting People and Places. Stevens Point: UW-SP Foundation Press, Inc., 2006

HAM, S. H. Interpretation: Making a Difference on Purpose. Golden: Fulcrum Publishing, 2013.

HAM, S. H. Environmental Interpretation: A Practical Guide for People With Big Ideas and Small Budgets. Golden: North American Press, 1992.

ICMBIO e USFS. Plano Interpretativo da Floresta Nacional do Tapajós. 2015.

ICMBIO e USFS. Plano Interpretativo do Parque Nacional de Anavilhanas. 2016.

LARSEN, D. L. Meaningful interpretation : How to Connect Hearts and Minds to Places, Objects, and Other Resources. Washington: Eastern National, National Park Service, 2011.

NATIONAL PARK SERVICE. *Archeology for Interpreters: 6. What Are Our Personal and Professional Responsibilities?* Disponível em: <https://www.nps.gov/archeology/afori/respon_meth1.htm>. Acesso em: 2019.

ROOSEVELT, T. The Autobiography of Theodore Roosevelt Condensed From the Original Edition, Supplemented by Letters, Speeches, and Other Writings, and Edited with an Introduction by Wayne Andrews. New York: Octagon Books, 1975.

TILDEN, F. *Interpreting Our Heritage*. Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1957.

TRANSFORMATIVE LEADERSHIP. Disponível em: < <https://www.mindtools.com/pages/article/transformational-leadership.htm>>. Acesso em: 2019.

WALLACE, G.N.; GAUDRY, J.C. An Evaluation of the Authority of the Resource Technique in Eight Wilderness/Backcountry Areas. *Journal of Interpretation Research*, Fort Collins, 2002. 7(1): 43-69. Disponível em: <<https://www.interpnet.com/nai/docs/JIR-v7n2.pdf>>. Acesso em: 2019.

Apêndice II: Materiais de leitura e recursos sugeridos

AURELIANO, L. G. Interpretação do patrimônio no Brasil: entrevista com Celina Albano. Revista CPC, n. 24, p. 206, 2017.

BALLANTYNE, R.; HUGHES, K.; MOSCARDO, G. Designing Interpretive Signs: Principles in Practice. Golden: Fulcrum Publishing, 2007

BECK, L.; CABLE, T. T. Interpretation for the 21st Century: Fifteen Guiding Principles for Interpreting Nature and Culture, Second Edition Paperback. Champaign: Sagamore Publishing, 2002.

BROCHU, L. Interpretive Planning Paperback. Fort Collins: InterpPress, 2007.

CAPUTO, P.; LEWIS, S.; BROCHU, L. Interpretation By Design: Graphic Design Basics For Heritage Interpreters. Fort Collins: InterpPress, 2008.

COLMAN, D. A. L.; JUNIOR, A. L. A interpretação ambiental integrada à educação ambiental: quais as escolhas de um professor ao elaborar um roteiro de aula em uma trilha interpretativa? Revista Labore em Ensino de Ciências, v. 1, 2016.

GOMES, B. et al. Interpretação Ambiental nas Unidades de Conservação Federais. Brasília: ICMBio, 2018.

GROSS, M.; ZIMMERMAN R.; BUCHOLZ, J. Signs, Trails, and Wayside Exhibits: Connecting People and Places Editora: Stevens Point: UW-SP Foundation Press, Inc., 2006.

HAM, S. H. Environmental interpretation : A Practical Guide for People with big Ideas and Small Budgets. Golden: North American Press, 1992.

KNAPP, D. Applied Interpretation: Putting Research into Practice. Fort Collins, InterpPress, 2008.

KNUDSON, D. M.; CABLE, T. T.; BECK, L. Interpretation Of Cultural And Natural Resources. Venture Publishing, Inc., 2003.

LARSEN, D. L. Meaningful Interpretation. Fort Washington: Eastern National, 2011.

LEFTRIDGE, A. Interpretive Writing. Fort Collins: InterpPress, 2006.

MAGRO, T. C.; FREIXÊDAS, V. M. Trilhas: como Facilitar a Seleção de Pontos Interpretativos. CIRCULAR TÉCNICA IPEF, n. 186, p. 7, 1998.

MERRIMAN, T.; BROCHU, L. The History of Heritage Interpretation in the United States. Fort Collins, InterpPress; 1st edition, 2006.

MOREIRA, J. C. Geoturismo e interpretação ambiental. [s.l.] Editora UEPG, 2014.

MURTA, S. M.; ALBANO, C. Interpretar o Patrimônio um Exercício do Olhar. Belo Horizonte: Editora UFMG : Território Brasília, 2002.

MURTA, S. M.; GOODEY (EDS.). Interpretação do Patrimônio para Visitantes: um Quadro Conceitual. In: Belo Horizonte: Editora

UFMG: Território Brasilis, 2002. p. 13–46.

PADOAN, L. L. F.; MAGALHÃES JR, H. DE. Interpretação Ambiental e Trilhas Interpretativas: Elaboração de uma Proposta de Trilha Interpretativa para a Serra do Catete, Ouro Preto, Minas Gerais. p. 14, 2014.

PROJETO DOCES MATAS. Brincando e aprendendo com a Mata. Belo Horizonte: Projetos Doces Matas, 2002a.

PROJETO DOCES MATAS. Manual de Introdução à interpretação Ambiental. Belo Horizonte: [s.n.].

REGNIER, K.; GROSS, M.; ZIMMERMAN, R. The Interpreter's Guidebook: Techniques for Programs and Presentations. Stevens Point: UW-SP Foundation Press, Inc., 1994.

SHARPE, G. W. Interpreting the Environment. New York : Wiley, 1976.

VASCONCELLOS, J. M. O. Avaliação da Visitação Pública e da Eficiência de Diferentes Tipos de Trilhas Interpretativas no Parque Estadual Pico do Marumbi e Reserva Natural Salto Morato - PR. Curitiba, Brazil: UFPR, 1998.

VASCONCELLOS, J. M. O. Educação e interpretação ambiental em unidades de conservação. Curitiba: Editora UPFR/Fundação o Boticário, 2006. v. 4

Sobre os autores:



Chris Mayer, Professor Adjunto de Recreação, Ecoturismo e Interpretação no Ferrum College e Associado do Centro para Gestão de Áreas Protegidas da Universidade Estadual do Colorado

Chris é especialista em comunicação de recursos naturais e membro fundador da *Interpret the World*, uma empresa que presta serviços de consultoria em planejamento, desenvolvimento de produtos e serviços interpretativos para áreas protegidas da América Latina. Trabalhou no Serviço Nacional de Parques dos EUA – Departamento de Informação de Recursos Naturais como especialista em interpretação. Liderou o *design* de produtos interpretativos em todo o ocidente, inclusive nos Estados Unidos, México, Guatemala, Honduras, Panamá e no Brasil. Chris deu aulas de interpretação e *design* de suportes de comunicação na Universidade Estadual do Colorado e na Universidad del Valle, na Guatemala. Atualmente, é professor assistente de Liderança em Recreação e Ecoturismo no Ferrum College, na Virgínia - EUA.



Lorena Brewster, Coordenadora de Programas Internacionais, Universidade Duke, Carolina do Norte

Lorena é Bacharel em Ciência da Comunicação e trabalha como coordenadora de programas para a Duke University, dando suporte à Parceria para a Conservação da Biodiversidade na Amazônia, um programa apoiado pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, em parceria com o Serviço Florestal Americano e o Instituto Chico Mendes para Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Lorena tem várias certificações da Associação Nacional de Interpretação (NAI) e foi co-instrutora de vários cursos de interpretação no Brasil. Lorena também trabalhou em quatro projetos desenvolvendo produtos interpretativos para duas Unidades de Conservação do ICMBio.



Ryan Finchum, Co-Diretor, Centro para Gestão de Áreas Protegidas, Universidade Estadual do Colorado

Ryan ministra cursos de capacitação anuais para mais de 300 pessoas de 20 países de todo o mundo. É especialista em planejamento interpretativo, capacitação para a conservação e uso público em áreas protegidas. Participou de vários projetos interpretativos nas Américas Central e Sul e treinou conservacionistas de mais de 30 países. Ryan também é sócio da *Emerald Planet Tours* e possui mais de 10 anos de experiência no *design* de ecotours em áreas protegidas na América Latina. Ryan fez a gestão geral do kit interpretativa e participou como membro central da equipe de *design* e implementação de vários produtos interpretativos no Brasil como parte da Parceria para a Conservação da Biodiversidade na Amazônia.



**CENTER FOR PROTECTED
AREA MANAGEMENT
COLORADO STATE UNIVERSITY**

Apoio:

